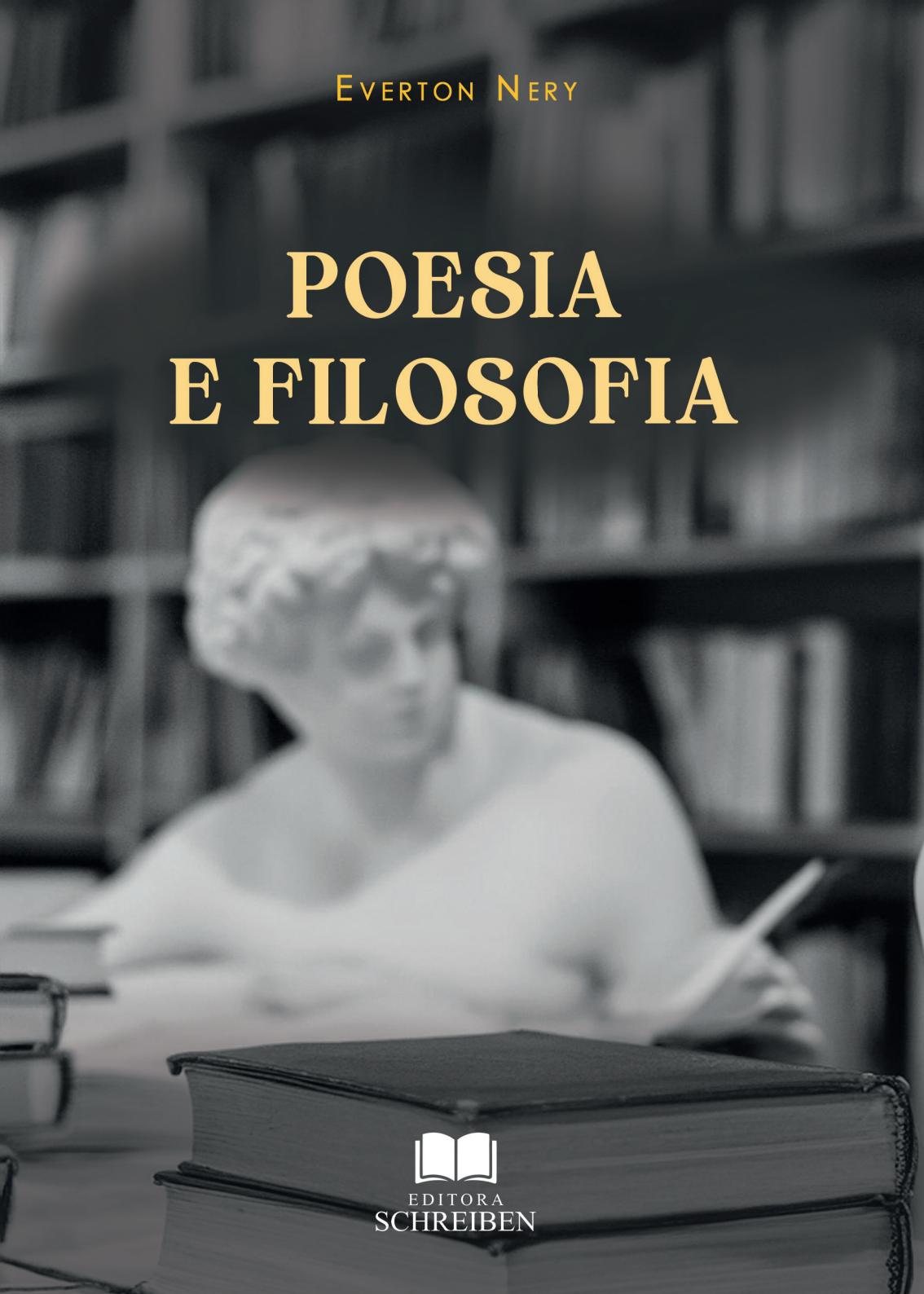


EVERTON NERY

POESIA E FILOSOFIA



EDITORIA
SCHREIBEN

EVERTON NERY

POESIA E FILOSOFIA



2025

© Everton Nery - 2025

Editoração e capa: Schreiben

Imagen da capa: cdltrz - Freepik.com

Revisão: o autor

Livro publicado em: 11/12/2025

Termo de publicação: TP1312025

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airtton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N476 Nery, Everton

Poesia e filosofia / Everton Nery. – Itapiranga, SC : Schreiben, 2025.

100 p. ; e-book ; 15 x 21 cm.

Inclui índice remissivo

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-591-1 [versão impressa]

ISBN: 978-65-5440-592-8 [versão digital]

DOI: 10.29327/5738447

1. Poesia brasileira. 2. Filosofia na poesia. 3. Poesia e filosofia.

4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.91

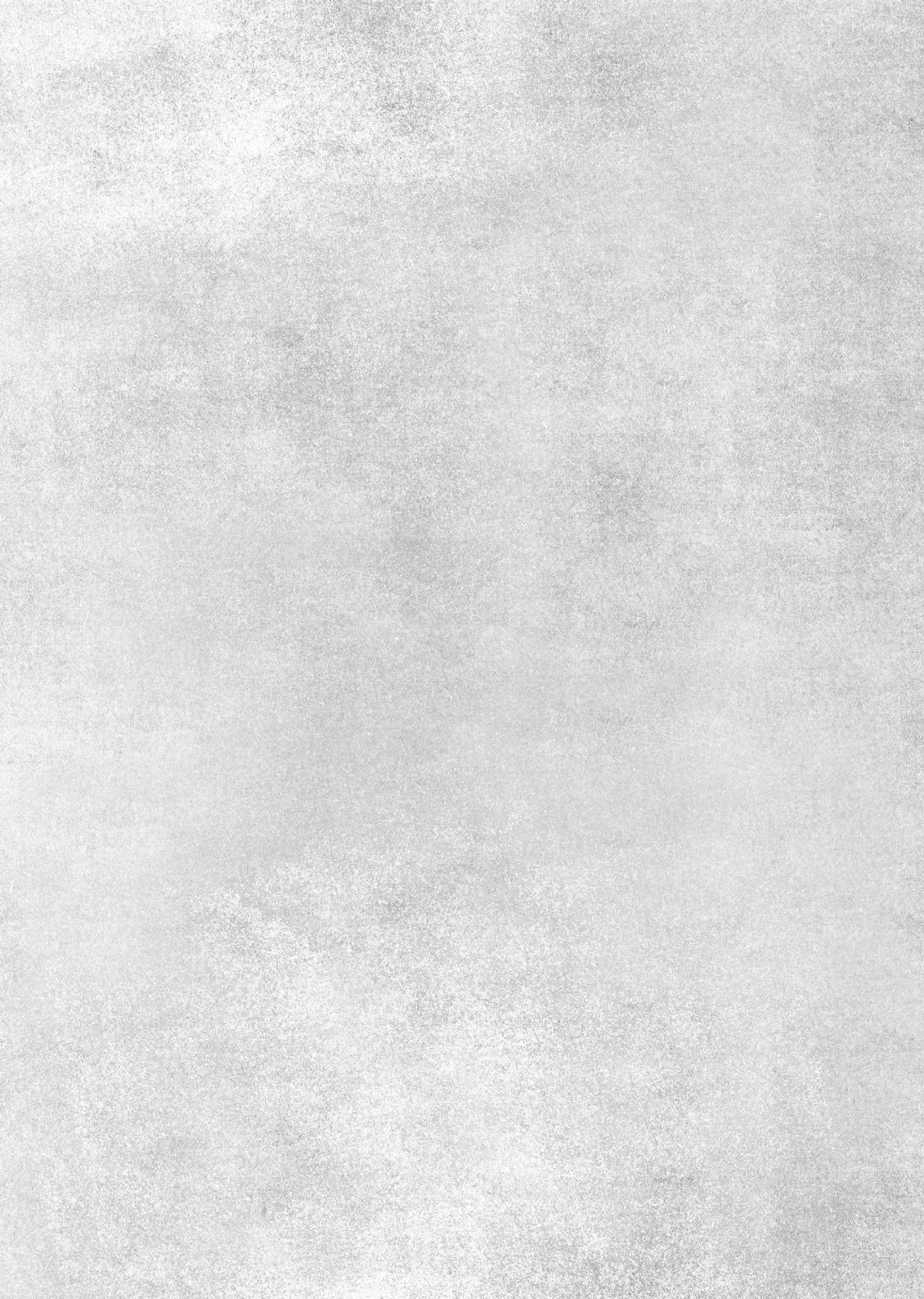
SUMÁRIO



Apresentação	
Poesia e Filosofia: o indizível entre palavras.....	7
Prefácio.....	9
A Dança do Pensamento.....	13
A Dialética do Capital: Desvendando a Exploração.....	14
A Fidelidade ao Ser e a Perda dos Saberes Vários: Uma Poesia Inspirada em Parmênides e Zenão de Eléia.....	19
<i>A parresía e a tragédia.....</i>	21
A respeito de Jano.....	24
A respeito do Ser.....	25
Ainda não sabendo o que fazer.....	26
Anseios e Excessos.....	27
Bia e Thanatos (Força e Morte).....	28
Camelos, leões e crianças.....	29
Certezas e Perguntas.....	30
Cronos e Thanatos (Tempo e Morte).....	31
Da mitologia e da filosofia.....	34
Dia dos namorados, Perséfone e Hades.....	35
Do mítico amado.....	38
Entre Nostalgia e Utopia: Reflexões Existencialistas sobre o Tempo e a Mudança.....	39

Espírito Livre.....	41
Espírito livre II.....	43
Filos e Eros.....	45
Os filósofos - chamados <i>ndónguti</i>	46
Heráclito - a poética da mudança e a busca pela verdade.....	47
Hiato entre especulação e vida.....	49
Hipnos e a dança dos sonhos.....	50
Mundo e palavra.....	52
O Chamado do Mar.....	54
O enigma de Hipaso.....	56
O filósofo e o amante.....	58
Para namorados e namoradas do dia – religião e filosofia.....	60
Pitágoras: sábio dos números e da alma.....	62
Ponto infinito.....	63
Rumo ao Horizonte.....	64
Sabedoria Socrática e Poesia.....	65
Silêncio.....	67
Sobre a falta de tempo.....	68
Sobre educar com complexidade.....	70
Sobre educar com fraternidade.....	71
Sobre educar com sororidade.....	72
Sobre educar com verdade.....	73
Sobre o amor.....	74
Sobre o instinto da morte.....	75
Sobre viver e morrer.....	76

Sofistas, a falácia da persuasão.....	78
Soneto Filosófico.....	80
Subjetividade e objetividade: uma experiência poética.....	81
Todo começo é uma promessa.....	86
Todo começo é uma promessa II.....	88
Tornar-se quem se é: Nietzsche em lição poética.....	90
Transformação e Conflito.....	91
Um dizer sobre identidade.....	92
Vozes de resistência.....	93
Gratidão em Verso – Encerramento com afeto.....	95
Gratidão em Verso.....	95
Índice Remissivo – <i>Poesia e Filosofia</i>	96



APRESENTAÇÃO



POESIA E FILOSOFIA: O INDIZÍVEL ENTRE PALAVRAS

Este livro nasceu do entrelaçamento de duas forças que, à primeira vista, parecem opostas: a precisão conceitual da filosofia e o extravio afetivo da poesia. Mas talvez seja nesse intervalo, nessa rachadura onde o pensamento se curva diante da linguagem e a linguagem hesita diante do abismo, que algo verdadeiramente humano emerge. Não se trata aqui de “filosofar poeticamente” ou de “versificar ideias”, mas de permitir que poesia e filosofia se contaminem, se atravessando mutuamente.

A filosofia pensa. A poesia sente. Ou dito de outro modo: a filosofia sente; a poesia pensa. Seja como for, ambas, no entanto, nascem do espanto. O mesmo espanto que nos faz perguntar “quem sou eu?”, também nos faz calar diante de um verso que diz mais do que sabíamos. A filosofia busca nitidez e distinção, a poesia cultiva a penumbra. Mas não há filosofia sem metáfora, nem poesia sem pensamento. E é esse jogo, por vezes delicado, por vezes violento, que este livro propõe viver.

Cada poema aqui presente foi gestado no cruzamento entre o conceito e a carne, entre o inconsciente e o corpo político. Eles não pretendem ensinar, muito menos concluir. São tentativas. Ensaios. Frestas. Convites ao leitor para que atravesse não apenas o que está dito, mas também o que está suspenso entre os silêncios.

Desta forma, ao final de cada poema, procure por uma página em branco, fazendo assim uma pausa. Um espaço de escuta. Neste espaço, você leitor/a pode escrever o que pensa, o que sente, o que o poema provocou; ou silenciar, se for o caso. Porque o pensamento que não nos toca, endurece. E o poema que não se deixa atravessar, adoece. A página

em branco não é ausência: é abertura!

Que este livro seja, então, mais que um objeto de leitura. Que ele seja uma travessia. E que você, leitor, ao passar por ele, se desmonte um pouco. Se desoriente. E talvez, como quem sonha acordado, volte a si diferente. Porque entre a poesia e a filosofia, há um ponto onde não se sabe mais quem pergunta, quem responde: apenas se escuta. E isso basta!

PREFÁCIO



Falar sobre uma obra poética para alguém que não sabe fazer poesia apenas contemplá-la é um trabalho hercúleo... diria mesmo, sístico.

Escrever é uma arte, talvez um dom como estigmatiza o senso comum. Everton, com seu talento natural, reúne qualidades, competências, virtudes e amorosidades. A alma sensível externa sua sensibilidade em forma de poesia para, igualmente, oportunizar esse estado de poesia em quem saboreia suas produções. A delicadeza e sutileza se misturam com a radicalidade que entrega nessa obra.

Muitos são os temas de radicalidade profunda tocados nessa obra: o silêncio, o tempo, a heautognose, a realidade, a verdade, a complexidade, a educação, a fraternidade, a sororidade, o amor, a morte, a vida, o sofismo, a falácia, a persuasão, a subjetividade, a objetividade, o tornar-se quem se é, a transformação, o conflito, a identidade, a resistência. Analisar, refletir, experienciar, sofrer, dialogar, meditar, transformar... muitas são as necessidades e direcionamentos que o texto nos sugere e nos faz tangenciar e convida a mergulhar.

As palavras são, por vezes, insuficientes para expressarmos os sentimentos que emanam da leitura dessa preciosidade. Parece-nos, num bom sentido, um manual filosófico-poético para reaprendermos a ver as várias faces da realidade e suas possibilidades. Ressoa como um exercício hermenêutico-teleológico para fazer pensar a existência, o seu sentido, significado, o ser-existir no mundo tendo como parâmetro o essencial, o que de fato importa.

Para além disso, há uma suavidade/radicalidade das rimas, dos encontros poéticos, os quais nos levam para a preciosidade da essencialidade do existir e ser no mundo, um mergulhar na imensidão de nós mesmos com uma radicalidade fundante que desperta os mais nobres sentimentos e reflexões.

Iniciando o nosso deleite na obra, deparamo-nos com a sagacidade do autor que toca uma característica fundante para o ser humano caminhar para sua totalidade, o encontro com o que se tem e não simplesmente o foco no que falta. A gratidão é uma qualificação do indivíduo que o coloca num patamar diferenciado, o reconhecimento/acolhimento do que possuímos. A neurociência descobriu a ativação de áreas do cérebro associadas ao sistema de recompensa, como o córtex pré-frontal medial quando estamos sob efeito da gratidão. As pesquisas resultaram que a prática da gratidão tem a potencialidade de modificar o funcionamento neural com o passar do tempo e isso tende a tornar o indivíduo com disposição a sentimentos saudáveis. Iniciar a obra com uma apologia à gratidão diz da sutileza intelectual desse livro e do seu autor.

Numa breve digressão, gostaríamos de citar que pesquisas realizadas constataram que a prática da gratidão pode contribuir para a manutenção saudável da pressão arterial e do sono, redução do estresse, melhora significativamente das relações interpessoais e aumento da sensação de felicidade e bem-estar, o que, por sua vez, pode ajudar a aliviar sintomas de ansiedade e depressão.

Para além da gratidão, o texto reflete sobre a razão em consonância com o coração, transmutando a ação, sinalizando para a busca pelo essencial em detrimento do material desnecessário. Sugere uma crítica poética desvelando realidades abstrusas.

Continuando na sua veia poética, o autor traz a busca da verdade com inteligência, sagacidade e eticidade. Eis parâmetros importantes para encontrar essa que sempre nos escapa e se transmuta em possibilidades diversas e dialéticas.

O livro traz reflexões sobre Thanatos, a singularidade de sermos seres para a morte... trata, também, do amor e suas possibilidades, excessos e faltas, das vulnerabilidades humanas, nossas potencialidades e necessidade de nos constituirmos essencialmente humanos, com vícios sim, da nossa condição puramente humana, mas com a sapiência desejante de realizar uma alquimia e transmutá-los em virtudes considerando o tempo de Kronos e Kairos.

A obra traz, para um cenário hodierno, a liberdade fundante e ao mesmo tempo angustiante que nos revela a necessidade de olharmos e

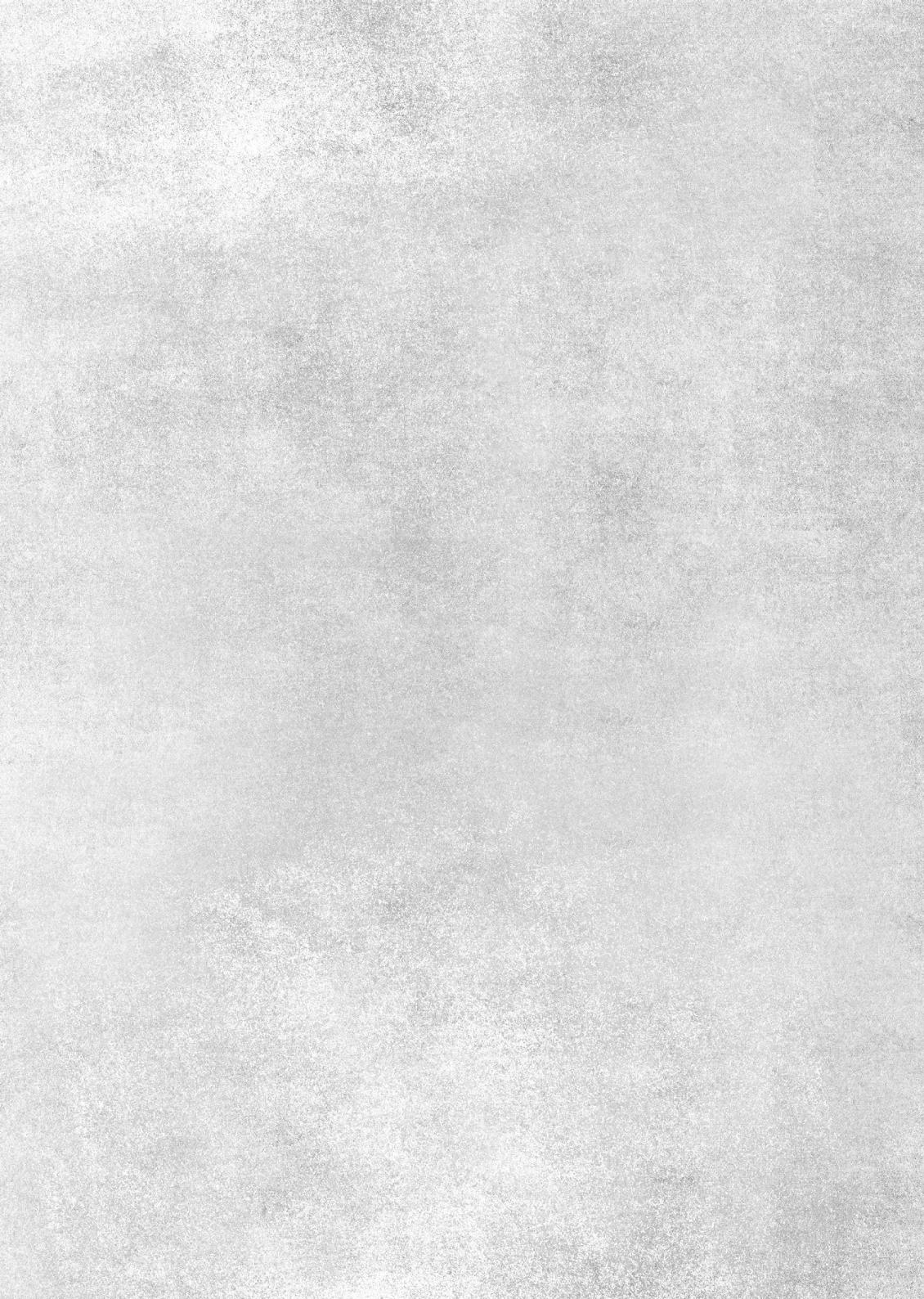
seguirmos em frente com o caminhar resiliente sempre presente.

São tantas reflexões e convites que somos sequestrados por uma vontade radical de continuarmos lendo e meditando sobre problemas expressivos da nossa ‘humanidade em construção’ que mais parece o rapto de Perséfone com suas implicações de crescimento e maturidade.

Esse sequestro nos remete a pensarmos a vida e seu sentido mais profundo, os sofrimentos, amores, encontros e desencontros, erros e acertos, fazeres e possibilidades, crescimentos e reflexões em estado de poesia consciente. São tantos os temas e possibilidades que o texto merece ser degustado com apreciação para solvermos o néctar da filosofia aí depositado.

Que Thoth nos oportunize a sabedoria, o entendimento da escrita, da magia e da ciência que essa leitura nos conduz!

Boa leitura!



A DANÇA DO PENSAMENTO



No cotidiano da mente não adormecida,
O pensamento vagueia na rotina repetida,
Mas eis que surge o espanto, sem cerimônia,
Um acontecimento inusitado, a magia com parcimônia.
O fluxo mecânico do pensar se quebra,
Eis que a pausa nos convida a olhar sem pressa,
Diante do inesperado, paramos em admiração,
Contemplando o novo com o coração.
Nessa admiração, o pensamento renasce,
Uma nova possibilidade se oferece,
Como um universo de estrelas a brilhar,
Convite à criatividade se manifestar.
As respostas se desdobram na busca sem fim,
A dança do pensamento, um eterno clarim,
Mas na continuidade do espanto, reconhecemos:
Cada resposta traz novas perguntas, resplandecemos.
Assim, lançamos um olhar profundo e largo,
Sobre a importância da admiração que nos envolve,
No fascínio pela incerteza, o conhecimento floresce,
Eis o filósofo em sua jornada: sempre a primeira vez acontece.

A DIALÉTICA DO CAPITAL: DESVENDANDO A EXPLORAÇÃO



No universo da troca e do dinheiro,
Onde relações se entrelaçam em segredo,
Marx nos convida a enxergar com clareza,
A dinâmica que movimenta essa grandeza.
O dinheiro, além de mera matéria,
É expressão de relações necessárias.
Não apenas papel ou moeda metálica,
Mas uma forma social, sem ser fálica.

Quando o capitalista utiliza o dinheiro,
Contratando trabalhadores, pioneiro,
É diferente do dinheiro do trabalhador,
Que busca bens e serviços, seu valor.
No primeiro caso, é o capital em ação,
Explorando o trabalho em sua condição.
Uma relação desigual, de exploração,
Entre capitalistas e trabalhadores em ação.

O dinheiro do trabalhador, por sua vez,
É apenas um meio de troca, de vez.
Um simples instrumento para adquirir,
Os produtos necessários para subsistir.
Mas a maioria não se preocupa em saber,
As relações ocultas que ali se escondem,
Contentam-se em usar o dinheiro sem refletir,
Na realidade complexa que ali existe a fluir.

Marx nos convida a abandonar a esfera da troca,
Onde o livre-cambista extraí noções de boca,
E adentrar o terreno oculto da produção,
Onde o capital revela sua exploração.
Nessa jornada, o possuidor de dinheiro,
Torna-se o capitalista, confiante e ligeiro,
Enquanto o trabalhador, tímido e hesitante,
Sevê diante da esfola constante.

A propriedade de dinheiro vira capital,
E o trabalhador vende sua força vital.
A troca de equivalentes se transforma,
Em uma aparência que a realidade forma.
A acumulação de capital revela o segredo,
A propriedade se apropria do trabalho alheio.
A liberdade, igualdade e propriedade,
Transformam-se em não liberdade, desigualdade.

A justiça burguesa não é abalada,
Pois as transações são de acordo com a jornada,
Da produção de mercadorias, aparentemente igual,
Mas que oculta o trabalho não pago, afinal.
Marx nos desvenda o segredo do mais-valor,
Não como roubo, mas troca com rigor.
A exploração não é fruto de furto,
Mas de um sistema que se apropria do produto.

A troca obedece às leis estabelecidas,
Mas a apropriação gera desigualdades sofridas.
A propriedade se separa do trabalho,
E o trabalhador não pode seu produto apalpar.
A dialética interna do processo de acumulação,
Transforma a igualdade em desigualdade em ação.
A troca continua, aparentemente igual,
Mas o capital se apropria do trabalho real.

Assim, Marx nos mostra a complexidade,
Do mundo onde reinam propriedade e liberdade.
O mais valor é produzido sem romper,
As leis da troca de mercadorias que prevalecer.
No emaranhado do dinheiro e da troca,
Marx nos conduz a uma reflexão louca.
Sobre as relações sociais e econômicas,
Que moldam a realidade e suas práticas.

Compreender essa dinâmica é fundamental,
Para questionar o sistema e buscar um ideal.
Uma sociedade mais justa e igualitária,
Onde a exploração seja apenas uma memória.
No entrelaçar das relações monetárias,
Marx nos guia por terras extraordinárias.
Revelando a origem do lucro e da exploração,
E desafiando a ordem da acumulação.

O dinheiro, em sua essência material,
Vai além do simples valor nominal.
É uma categoria social e econômica,
Expressão de relações que se desdobram de forma crítica.
Enquanto a troca de equivalentes prevalece,
O capital se apropria do trabalho, eis que acontece.
O trabalhador vende sua força produtiva,
Enquanto o capitalista acumula a riqueza ativa.

Mas como conciliar a igualdade na troca,
Com a desigualdade na apropriação que se aloca?
Marx nos mostra a dialética interna,
Que transforma a troca em uma trama eterna.
A propriedade do capital se manifesta,
Como o direito de explorar o trabalho em festa.
Enquanto o trabalhador recebe o salário,
O capitalista se apropria do excedente necessário.

A cada transação, o valor é mantido,
Mas a apropriação desigual é o sentido.
O capital se acumula, o lucro se expande,
Enquanto o trabalhador enfrenta o peso da demanda.
A propriedade se separa do trabalho,
E o trabalhador se vê em constante ato falho.
O produto do seu esforço não lhe pertence,
É apropriação capitalista, uma situação inclemente.

Nesse jogo de trocas aparentemente justas,
O mais-valor se revela como uma intrusa.
O capital se apropria do trabalho não pago,
E a exploração se perpetua no trágico afago.
A justiça burguesa, em seu disfarce,
Protege a acumulação em sua face.
Enquanto as leis são cumpridas na superfície,
A exploração e desigualdade seguem sua matrice.

Mas Marx nos convoca a enxergar além,
A desvendar a lógica que subjaz no vai e vem.
A acumulação de capital não é mero acaso,
É resultado de um sistema que perpetua o compasso.
Ao desvelar o segredo do mais-valor,
Marx nos leva a questionar com fervor.
As bases do sistema capitalista em si,
E a buscar um horizonte mais justo por aqui.

No emaranhado da produção e circulação,
Marx nos desafia à reflexão.
Sobre as relações de classe que permeiam,
E as possibilidades de mudança que anseiam.
Ao compreender a dinâmica oculta,
Podemos buscar uma sociedade mais justa e adulta.
Onde o trabalho seja valorizado e respeitado,
E a exploração seja um capítulo superado.

Portanto, sigamos adiante com Marx,
Explorando as contradições em marcha.
Em busca de um mundo mais igual e humano,
Onde as relações sociais sejam de fato soberanas.
Na dança dos valores, a troca aparente,
O dinheiro, o capital, sua forma latente,
Mas além da matéria, do simples ter,
Revela-se precisamente o jogo do poder.

**A FIDELIDADE AO SER
E A PERDA DOS SABERES VÁRIOS:
UMA POESIA INSPIRADA EM PARMÊNIDES
E ZENÃO DE ELÉIA**



A busca pela verdade e pela unidade,
É o que nos ensina a filosofia,
Mas ao se afastar dessa fidelidade,
O pensamento perde sua harmonia.

Parmênides afirmava que só o ser existe,
O não ser e o tornar-se são ilusórios,
E a variedade nos mostra que ainda existem,
as tais barreiras para compreendermos os mistérios.

Zenão, discípulo de Parmênides,
Com seus exemplos polêmicos,
revelava que, ao nos afastarmos da verdade,
Perdemos em saberes conflitantes e caóticos.

A flecha que não atinge seu alvo,
Porque ao meio precisa chegar,
E Aquiles que não vence a tartaruga em sua corrida,
São metáforas para nos alertar.

Um alerta que razão e lógica se completam,
E a unidade seja sempre nosso guia,
Para não nos perdermos em saberes incompletos,
E a verdade prevaleça em meio à fantasia.

Que a educação seja o caminho,
Para a compreensão da realidade,
E que a filosofia nos ensine,
A buscar sempre a verdade com rigor e humildade.

A PARRESÍA E A TRAGÉDIA



Vamos ao teatro da verdade: a tragédia grega.

De Édipo-Rei, de Sófocles,

A *parresía* em Eurípedes.

Existe ligação entre a palavra de Édipo à prática da *parresía*.

Eis Édipo-Rei sendo revisitado

Eis *parresía*, seu lugar, seu papel

Manifestando verdade, liberdade ...

Em um círculo tal como um anel.

Em Eurípides, *parresía* aparece como estrutura fundamental

Essa do jogo político existencial

A parresía aponta um “dizer-a-verdade”

Algo arriscado e corajoso na interioridade.

A parresía é a *eleutheria*, a própria liberdade

Esta não somente de engajar-se nas ações dos coletivas,

Mas de realizar efetivamente liberdade nos substantivos

A parresía é o “falar-franco”, capacidade de tudo dizer

Sem nada amortecer ou esmorecer,

Nem mesmo esquecer!

É o falar livremente, sem reticência face aos riscos reais da vida.

É um direito individual e coletivo, ao mesmo tempo ...

A parresía é uma espécie de agir ético do cidadão:

É ela que limita o poder de todo Senhor,

Pois aponta a possibilidade

de lhe opor livremente sua própria verdade,

Na inteireza contra toda sua crueldade.

Onde não há democracia, tampouco há *parresía*,

Deve-se acatar a possibilidade de um pacto “parresiástico”,
Nada orgiástico, talvez tão somente sintomático.

Deve-se aceitar que o mais frágil,
no sentido de seu subordinado,
dizer-lhe a verdade,
mesmo se ela for desagradável

A *parresia* não é apenas um direito à palavra,
Nem uma forma ritualizada de discurso
Mas revela, a dramaticidade do discurso-verdade,
em toda a sua realidade
Ela implica uma ligação praxiológica, existencial
Entre aquele que fala e o que ele diz
O “parresiasta” aceita o risco de dizer a verdade
Mesmo que se coloque de forma arriscada.

A *parresia* requer que se assuma uma ação em seu dizer,
Sem divórcio do seu fazer.
É um termo cuja genealogia está no teatro
Inicialmente em Eurípedes e Aristófanes.
Aqui tem-se relação entre tragédia e política.
A tragédia não é apenas uma forma de arte;
ela é uma instituição social
A tragédia em Eurípedes traz não só as características,
mas também os limites da *parresia*.

Trata-se do problema da verdade em relação ao *nomos*:
Esta, que é a lei, não pode regular o lugar da verdade,
estabelecer quem é capaz de dizer simplesmente o verdadeiro;
Não há desejo de ser encrenqueiro ou galhofeiro
O falar-franco nos coloca face a um exercício da verdade
Que parece escapar totalmente aos paradigmas normativos.
Ao se aceitar a prática de um jogo de palavras aberto,
se expõe aos riscos do exercício pervertido do falar-franco:
Esse, do tipo sem adulção, trapaça, vexação.
O falar-franco na democracia implica uma cesura

Entre os que são efetivamente capazes
dessa “coragem da verdade” e os que não são.
Eis a emoção com toda razão.
Sem dualismo ou cisão!

A RESPEITO DE JANO



Jano, o Deus dos começos e fins,
Das transições, das mudanças sutis,
Com suas duas faces, jovem e idosa,
O ponto onde passado e futuro se encontram.

Ele não é apenas um mero imitador,
Esse de deuses gregos com outros nomes,
Ele é singular, único em sua essência, em sua existência
Simbolizando a transformação em toda sua potência

No meio do caminho, Jano reside,
Não é vida nem morte, nem começo nem fim,
Ele é o corte, a cisão que nos comove,
Retirando o presente de seu curso monótono que nos move.

Sua presença é como uma estepe que se desfaz,
Dando lugar às areias do deserto,
Uma nova paisagem se revela em trabalhos
E o mundo se transforma diante de nossos olhos.

Que possamos aprender com Jano,
A abraçar as mudanças e as transições,
A enxergar o potencial em cada instante de partida
E a encontrar a sabedoria nas diferentes faces da vida.

A RESPEITO DO SER



A Filosofia questiona e investiga,
O que é o mundo, o que é o ser,
Buscando respostas que nos intrigam,
Em busca de um sentido para viver.

Ela se volta para si mesma e se pergunta:
O que é o próprio pensar que a move,
Indagando-se sobre o que constitui nossa alma,
E o que nos torna humanos, o que nos comove.

Assim, a filosofia nos conduz,
Por caminhos largos e profundos,
Onde nossa mente se desafia e se seduz,
Em nossos pensamentos tão fecundos.

Ela nos faz refletir sobre a vida,
sobre nossa própria existência,
nos convida a buscar uma saída,
Em meio a tanta incerteza e carência.

Seguimos em busca do ser,
De nossas próprias carências e certezas,
Descobrindo aos poucos o que há a conhecer,
Buscando aprender a apreciar nossas belezas.

Que a filosofia nos inspire a pensar,
a explorar nossas próprias mentes,
Nos ajudando a encontrar,
As respostas que nos fazem mais conscientes.

AINDA NÃO SABENDO O QUE FAZER



Assim que não mais existir, não farei falta alguma?

Pode-se viver em paz ou não,

Com ou sem razão.

A demanda aqui é tratar não sobre o viver, mas sobre o morrer.

Tem-se em primeira mão o amanhecer.

Para a seguir o anoitecer.

Entendo que posso fazer falta, entretanto, não é o mais importante.

O que importa é não ser possuído,

Por aquilo que se possui.

Sou mortal e tenho consciência, assim vou tomado providências.

A vida segue em suas reticências ...

Com todas as incoerências!

Lembro de um filme cujo título é muito sugestivo, não sendo um aperitivo:

“Nós que aqui estamos por vós esperamos”

Eis meu ser primitivo!

Quando atravessar o Rio Lethe, não há possibilidade de retornar do meio da viagem.

E olha que isso não é sacanagem ou sabotagem.

Não desejo contar vantagem.

Por vezes escrevo considerando que vou chamar atenção com aquele textão.

Eis que é uma grande ilusão.

Pois levo um pisão!

Ao viver pensamos em aprender, algo tal como jamais esmorecer, mesmo ao entardecer.

O que me resta então é não fazer falta alguma

Àqueles/as que ainda verão o amanhecer.

ANSEIOS E EXCESSOS



Perguntas e busca de respostas,
Na filosofia mergulhamos,
Somos seres desejantes,
Em trilhas nos encontramos.

Desejo, uma seiva que nos agita,
Recheando ocos, procuramos amor,
Na ânsia de transcendermos,
Na busca do outro, encontramos calor.

Entretanto, desejo é excesso ou falta?
São duas percepções distintas,
Procuramos a plenitude, a completude,
Em cada gesto, em cada instante.

O amor, jura de saciedade,
Uma esperança em meio à carência,
Caçamos o outro para nos completar,
Numa quimera de encontrar a essência.

Sendo o desejo vida transbordante,
Exultação na fruição do ser,
No amor nos deparamos com a conexão,
Num mundo vasto, aprendendo a viver.

Anseios e excessos, em caminhada contínua,
Cultivando mistérios, em cada passo,
Na filosofia, nas entrelinhas da vida,
Deparamo-nos com perguntas num eterno abraço.

BIA E THANATOS (FORÇA E MORTE)



No triste mundo de hoje

Onde Bia impera

Onde Thanatos é constante

E a paz parece utopia

Homens armados espalham o medo

E o belicismo está em alta

A necropolítica reina soberana

E a ikupolítica não se alastra

A ignorância é promovida

a intelectualização é rejeitada

O conhecimento é desprezado

E a barbárie é exaltada

Assassinatos são rotina

A morte é banalizada

Nada parece ter valor

Nem mesmo a vida sagrada

Que tristeza ver o mundo assim

Onde o amor é substituído pelo ódio

Onde a justiça é falha

E a esperança perdida nesse episódio

Mas ainda há tempo de mudar

Esse casal – Bia e Thanatos, se transformar

Em Eiríni e Zoí, (Paz e Vida) um florescer

Fazendo uma humanidade sedenta renascer

CAMELOS, LEÕES E CRIANÇAS



Em Nietzsche são três metamorfoses do espírito:

A primeira é a do camelo.

Este dobra o joelho,

E tal como se estivesse em frente ao espelho

Submete-se à moral de rebanho.

Não há ganho,

Apenas ressentimento,

Sem nenhum tipo de sofrimento.

A segunda é a transformação do leão.

Este representa a força,

Mas não a força.

Eis o lampejo do desejo,

Sem fortes vestígios de liberdade.

Fica-se na serenidade e também na saudade

Parece erguer-se uma prioridade.

Eis que sem pressa e com alguma clareza

Acontece sem muita certeza

A terceira transformação:

Não é o camelo ou o leão,

Mas a criança.

Esta traz esperança.

Não uma criança-esperança,

Mas, uma esperança na criança.

Não é um esperar passivamente,

Mas um realizar dinamicamente.

Alegrias plenas no seu dia,

Que ele seja carregado e recheado de eudaimonia!

CERTEZAS E PERGUNTAS



Nas sombras das palavras, nos cantos da mente,
O filósofo pergunta, com olhar inquisitivo e ardente,
A interrogação, qual lança afiada, é atiçada com vigor,
Desviando o curso da conversa, em caça de um clamor.
Em um mundo largo, onde certezas são efêmeras,
Há quem transporte convicções, como joias raras e sinceras,
Mas que casta de certeza, ousamos nós afirmar,
pode resistir ao teste do tempo, sem se dilacerar?
Tão fundamentados são aqueles que se seguram ao seu pensar,
Ambicionando o momento certo, para a verdade revelar,
No entanto, na vastidão do universo, na vastidão do olhar,
A certeza cega, pode se tornar um preconceito a nos abalar.
Pensamos no filósofo, este sábio a questionar,
Com perguntas desafiadoras, a certeza a desmontar,
Numa dança de incertezas, onde a mente se ilumina,
Entendemos que, na busca e construção da verdade: pergunta é sina.
Então, na variada tapeçaria das ideias que tecemos,
O filósofo ensina, com as dúvidas que oferece,
Que a sabedoria habita não na certeza imutável,
Mas na coragem de perguntar, no eterno e infindável.

CRONOS E THANATOS



Em tempos imemoriais, onde os deuses conjuram,
Cronos, filho de Urano, a rebelião lidera.
Da barriga de Gaia, filhos presos sem perdão,
Pelo pai enojado, foram sua condenação.

Cronos, em fúria, ergueu a lâmina implacável,
Castrou Urano, separando Céu de Terra de maneira inevitável.
O tempo nasceu – eis um soberano, com seu reinado tirano,
Um ciclo infundável, de um festim insano.

Sendo Cronos, o Deus-devorador, filhos e filhas consumia,
Cronos voraz, eis o tempo glutão, a vida em agonia.
E sob seu império, todos nós lamentamos,
Os amores perdidos, aos quais nos entregamos.

Ao pensamos na eternidade, eis uma ilusão frágil, frugal,
Pois Cronos tudo devora e destrói, num procedimento mortal.
Como a taça de vidro, que ao chão se desfaz,
A vida se quebra, não se restaura jamais.

Irreversível, o tempo cavalga em sua direção,
Um caminho sem volta, uma singular canção.
Misturamos substâncias, diversos ingredientes sem poder separar,
O passado aparentemente se foi, o futuro está a nos esperar.

Humanos que somos, seres frágeis, no tempo condenados,
Sentimos a injustiça, dos dias passados.
O vidro, mesmo à prova de balas, ao tempo não resiste,
Sessenta segundos por minuto, eis a velocidade, Cronos persiste.

O tic-tac implacável, um som irretocável, o tempo a arrastar,
A dor que constrange, o Cronos que comanda, parece sempre ordenar.
Queremos voltar, num desejo místico, esse que é nostálgico,
Refugiamo-nos na memória, em uma outrora, num ato mágico.

Esperamos o futuro, localizamos um porvir, eis a flecha da esperança,
Mas muitas vezes, movidos por expectativas, o que temos é uma dança.
Criamos ardis, tentamos superar Thanatos e de alguma forma parar o fluxo,
Mas o tempo, Cronos, em seu vigor é implacável, não há truque ou truco.

Crianças almejam crescer, idosos tem memórias, lembranças do passado,
Eis que ficamos a perguntar: Onde está o presente, que nos escapa ao lado?
Tudo aparentemente é sólido, entretanto está sempre fluindo, escorrendo
pelas mãos,
Tal como água que não conseguimos reter, exceto em breves transições.

Este não é um texto sobre viver, morrer ou aprender a fluir,
Mas sobre aprender a segurar, e tentar resistir ou desistir
Se Cronos dá com uma mão e tira com a outra,
Tentamos recusar toda e qualquer perda, a vida não é Kama sutra.

Ao cabo e ao fim, somos todos e todas, filhos e filhas de Cronos: vitais!
E no banquete do tempo, somos estes meros mortais.
Mas nas lembranças, esperanças, presença nas memórias tentamos
sobreviver,
No abraço da Presença ou da Ausência, nos deparamos com nosso ser.

Thanatos, essa figura sombria, presente na mitologia grega emerge,
Temos aqui a personificação da morte, cuja presença nos converge.
Ele é Filho de Nix e Érebo, irmão gêmeo de Hypnos,
Entre sono e morte, em laços estreitos, tendo um nó a mais ou um menos.

Forma esvoaçada, tocha invertida, com ou sem espada na mão,
Thanatos separa a alma, num silencioso vão.
Não administra o submundo, como Hades o faz,
Entretanto na ação de morrer, sua sombra é audaz.

Sua presença remete a Moira, à compreensão do destino final,
Percebemos aqui a transição inevitável, o ponto crucial.
Parece que tentamos compreender como vivemos, o que precede o fim,
Desta maneira sublinha-se a vida, no seu mais profundo assim.

Thanatos ajuíza a morte, esta que é inescapável,
Com Cronos, o tempo, percebemos que ambos são implacáveis.
Entre a flecha da esperança e a memória da dor,
Vivemos e morremos, no eterno labor.

Estamos em presença de Thanatos, em um coabitar com Cronos.
Tempo e Morte de braços dados, realizando seu labor em nós.
Tudo feito com afinco, nas tramas de Moira
Que venha a chegada de Thanatos, com ou sem demora!

DA MITOLOGIA E DA FILOSOFIA



Através do tempo, a mitologia
Criou um mundo de sonhos e magia
Educação alicerçou o conhecimento
Que moldou nossa forma de entendimento

Para os gregos, o mundo dos homens
Era reflexo do mundo dos deuses, tão belos e nobres
E Hermes, filho de Zeus, unia as duas esferas
Mas os homens, sem poderes divinos, sofriam em suas quimeras

O comércio crescente exigia mais conhecimento
Sobre a natureza e seus produtos, sem consentimento
A vida foi se transformando, mudando os hábitos
Os antigos sábios perderam prestígio, e surgiram novos sábios, mais práticos

A sabedoria, agora, era para os aficionados
Que se dispunham a conhecer, sem serem consagrados
A vida vai se tornando mais complexa
E a sabedoria, antes divina, tornou-se acessível sem controvérsia.

DIA DOS NAMORADOS, PERSÉFONE E HADES



Perséfone passeia, por entre flores que brotam sob seu garboso andar,
Ela é a deusa da vida, do renascer, da colheita,
Já no submundo, onde as sombras cochicham, Hades reina,
Ele é o senhor da noite,
com olhos de ébano e manto de escuridão,
Ele espera, guardião do último açoite.

Um dia, ao sol se esconder e a terra se acender,
Hades insurgiu, atraído pela luz,
Ao ver Perséfone, um fogo despertou,
Nos íntimos divinos, um amor reluz.
Ela, a primavera;
Ele, o eterno outono,
Conectados, costuram um liame além da morte.

Em amplexos furtivos, nos mistérios do submundo,
Encontram o que o Moira lhes acarretou.
Ela desce, conformada, mas com amor no peito,
Para ser rainha das sombras ao seu lado de Hades
Ainda que o submundo pareça sombrio,
A luminosidade de Perséfone nunca é apagada.
Nos meses de separação, Hades ambiciona,
Enquanto ela regressa à terra em flor,
Mas nas noites enevoadas, quando ela volta,
O submundo se enche de calor.

Eles dançam no silêncio, sob o céu do sacramento,
Onde o tempo é um anseio e a eternidade um momento,
Seus corações tocam juntos, um compasso suave,

De um amor que é tanto tormento quanto contentamento.
Seja nos Campos Elísios ou nos salões de Hades,
Seus espíritos são um, em consonância perfeita,
Pois seu amor transcende a vida e a morte,
Um laço eterno, uma chama sempre acesa.

Assim, na escuridão e na luz, Hades e Perséfone encontram paz,
Em cada toque, em cada beijo, um renascimento,
Amor imortal, que nunca se desfaz.
No reino dos vivos, floresce Perséfone,
Deusa da vida, da fertilidade, do renascer,
Seu toque suave desperta a primavera,
Transforma a terra, faz o amor crescer.

Nos braços de Hades, o deus da morte,
Governante do submundo, senhor da escuridão,
Ela desce, entre sombras e silêncio,
Levando consigo a luz da paixão.
Um amor tão forte, que transcende a vida,
Vence barreiras, desafia o destino,
Unindo o claro ao escuro, o doce ao amargo,
Um amor que é eterno, divino.

No Dia dos Namorados, celebremos,
A união que o tempo não pode destruir,
Como Perséfone e Hades, juntos além da morte,
Somos eternos, na luz e na noite a sorrir.
Re vigoramos compromissos sob estrelas cintilantes,
Nos jardins secretos onde o amor floresce,
Onde vida e morte, em perfeito equilíbrio,
Dançam ao som do coração que nunca esquece.

Desta forma, neste dia de amor e renascimento,
Lembramos que, como Perséfone e Hades,
O amor é uma força que nada apaga,
Um ciclo eterno, que sempre invade.
Seja no brilho do sol ou no abraço da noite,

O amor é vida, é morte, é tudo,
Pois em cada beijo, em cada afago,
O que se tem na realidade
É uma fusão com a Divindade.

DO MÍTICO AMADO



Entre dores e amores a vida segue adiante,
Como Ariadne e Teseu, que um dia foram amantes.
Mas nem sempre o amor dura eternamente,
Teseu partiu, deixando Ariadne, infelizmente.
Na ilha de Naxos, ela encontrou consolo,
Com Dionísio, deus do vinho, em seu colo.
Viveram um amor intenso e sem fim,
Enfrentaram juntos os desafios, assim.
A vida é cheia de montes e abismos, é verdade,
Ariadne se questionava sobre sua felicidade.
Mas o amor é um enigma, um constante girar,
Ariadne e Dionísio continuaram a amar.
No meio das incertezas, encontraram forças para seguir,
Ariadne e Dionísio, juntos a sorrir.
Pois o que importa são os sentimentos vividos,
As memórias construídas e os laços estendidos.
Assim como eles, podemos encontrar e construir o amor,
Apreciar cada dia com gratidão e fervor.
Que a vida nos surpreenda com amor infinito,
Tal como o de Ariadne e Dionísio: fiel e bonito!

ENTRE NOSTALGIA E UTOPIA: REFLEXÕES EXISTENCIALISTAS SOBRE O TEMPO E A MUDANÇA



Na encruzilhada de Kronos, Kairos e ideação,
Algo entre passado, presente e futuro, sem separação
Vão surgindo os dilemas das nossas epopeias,
Onde se debate a Moira mais segura, sendo isto ilusão!
Reacionários anseiam um retorno, algo do mito primordial.
Aquilo que outrora fora supostamente vivido,
que aqui é retomado, ou seja, plenamente inventado.
No tablado do passado, o eterno sonho, aqui postulado
De um tempo ideal, já perdido, ou podemos dizer superado.

Conservadores, na sua vigilância, para não dizer fatal ausência
Procuram preservar as instituições do presente, pode ser inconveniente
Aceitam reformas com parcimônia, pois entendem a identidade fixamente.
Tudo na intenção de manter-se a ordem vigente.
Já os revolucionários, sem melancolia, movidos com toda ousadia
Vão buscando romper com o que está posto,
Tem como proposição mudanças nunca experimentadas,
Entendendo que o futuro se disputa no presente, eis o disposto!

Nas teias dos debates buscando superar a ideologia
Confundem-se rótulos, categorias, pseudo verdades e preconceitos,
Reacionários, conservadores, revolucionários, e tantos outros jeitos
Na luta por ideais, que podem estar na prateleira dos imperfeitos.
Mas eis que o existencialista, introspectivo, um sujeito ativo
Vagueia pelas dúvidas da existência, da experiência,

Questiona o passado, o presente, o futuro, desejando algo no campo da diferença.

Em busca da construção da verdade, de uma autêntica experiência.

Este existencialista não se prende ao saudosismo dos reacionários,
Tampouco se resigna ao *status quo* dos conservadores,

E podemos ainda afirmar que não se ilude com as promessas dos revolucionários,

Busca a liberdade além dos panfletos, cartazes e extraordinários.

A vida é um constante movimento: liberdade, felicidade e sofrimento.

O ser humano, um eterno questionador, esse crítico, analisador e vivenciador.

Em busca do sentido, do contentamento, tocado pelo interpretador.

Além das regras e instituições do seu redor, com hermenêutica e toda dor

Aqui se apresenta a práxis, eis o quebrar, manter ou transformar,

Apresentam-se caminhos nessa jornada, revela-se o performar.

O existencialista busca seu próprio lugar,

Na busca pela verdade não eternizada, entronizada ou essencializada.

Assim, nas tramas da existência, na experiência da cotidianidade

A reflexão se faz presente, com toda liberdade,

Num poema existencialista, não pessimista e intimista,

Fazendo de cada verso um clamor existente e envolvente pra toda a gente.

ESPÍRITO LIVRE



Espírito livre é aquele que desafia
O que se espera de sua origem e posição
Não é cativo das ideias do seu tempo
É exatamente isso que o faz exceção

A ciência e o ceticismo são seus guias
Para questionar valores metafísicos estabelecidos
Sua precisão mede a força destes valores e mistérios
E poucos conseguem resistir a seus critérios

Assim o Espírito Livre se torna cada vez mais cético
E aprende a pensar por si mesmo sem desatinos.
Caminhando sobre ruínas de valores demasiado humanos
Ganhando energia para traçar novos destinos

No caminho, a solidão se torna presente
É escalando até os cumes mais altos e gélidos
Que o Espírito Livre ganha novas perspectivas a esmo
E se aproxima mais de si mesmo

Nômade, experimenta os mais variados estados
Antes de conhecer aquilo que pode, quer e o afeta
Diferenciando-se, distingindo-se enquanto se desencontra
Para tornar-se quem ele é de fato e se encontra

Oh, pobre pássaro que se sentiu livre
Agora bate nas paredes dessa gaiola
Mas o Espírito Livre não sente saudade da terra
Pois sabe que a liberdade não se enterra

Embarcando no horizonte do infinito
Corta todo laço com a terra que ficou para trás
E tem cautela ao lado do oceano
Pois sabe que a infinitude pode ser mais terrível que a paz

Nietzsche ilustra essa jornada
De um Espírito Livre em busca de si mesmo
Queima a ponte e deixa a terra firme para trás
Para encontrar a liberdade que não terá fim e não será fugaz.

ESPÍRITO LIVRE II



O vento agudo me acolhe
No topo da montanha, onde habita o Espírito livre,
Ele é impetuoso, frio por natureza.
Questiono todos os valores que até então me guiaram
A ciência me liberta do ceticismo.
Faz-me experimentar, fazer de mim mesmo um teste.
Conquisto o conhecimento e encontro uma nova paixão.
A vida agora é meio de conhecimento, o mais potente deles: um forte tesão!
Perspectiva e conhecimento se relacionam
Flerto com o abismo, a potência me impulsiona
O conhecimento é uma aliança:
Essa entre as forças que me constituem
e aquilo que vem de fora.
A Vontade de Potência é a base do conhecimento, criadora e expansiva.
O medo nos faz conhecer!
Mas o júbilo dos que conhecem
É o júbilo do sentimento de segurança reconquistado
O conhecimento é o grande desafio das almas que estão lado a lado
O conhecimento como grande desafio,
como produto de almas inquietas,
como questão existencial, como busca por segurança e sentido.
Nada me maniqueta.
O conhecimento não é mais uma ferramenta de dominação ou controle,
mas sim uma forma de se conectar com o mundo e com a própria potência.
É a busca por um sentido para a vida, é uma experiência.
É uma perspectiva que permite ver além do que é imediatamente visível.
É a cotidianidade de uma vivência.

E assim, o espírito livre se redime do ceticismo e da frieza,
Sempre entre a delicadeza e a sutileza.

Abraça a vida como experimentação e flerte com o desconhecido,
encontra na ciência a paixão pelo conhecimento.

Fazendo isso com envolvimento e engajamento.

Na Vontade de Potência está a base para fundar novas perspectivas,
e construção de novas subjetivações.

Sem ilusões, seguindo intuições.

Ele vai se tornando um ser humano preparatório,
para a época que está por vir,
onde a coragem e a ousadia serão a tônica do dia.

O heroísmo será levado para o conhecimento.

O Espírito Livre se prepara na ciência,
para a busca por um conhecimento
que seja ao mesmo tempo expansivo e criador,
que permita a conexão com o mundo e a própria potência.

Ele se prepara para uma época ainda superior,
onde as forças de que precisará serão juntadas
e a valentia será honrada

O espírito livre se prepara para viver plenamente,
experimentando e flirtando com o desconhecido,
buscando sentido e segurança,
tornando-se um ser humano,
preparatório para a época que está por vir em abundância!

FILOS E EROS



No louco enlace do amor e da razão,
O filósofo busca a sua compreensão,
No ímpeto da paixão que o consome,
Ele mergulha fundo, no desconhecido some.

Eros, o deus que desperta o coração,
Nos gregos antigos encontrou sua expressão,
A paixão que desorienta, que transforma,
Que nos faz questionar a norma.

Mas há quem critique essa entrega intensa,
Dizendo que é perdição, que é imprudência.
Porém, Sócrates enaltece a paixão,
Pois ela conduz à filosofia, à reflexão.

O amante, então, se torna filósofo,
Explorando um amor que não tem trégua nem dono,
Nessa busca incessante por compreender,
Ele se lança ao desconhecido, sem temer.

Filosofia ou erosofia, eis a questão,
No encontro do amor com a razão,
Um poema surge, entrelaçando os dois,
Explorando mistérios entre o antes e o depois

Que esse amor enlouquecido, largo e profundo,
Nos inspire a pensar dentro e além do mundo,
A perguntar e buscar responder, sem jamais possuir,
Amando e erotizando o filosofar, sem jamais desistir.

OS FILÓSOFOS - CHAMADOS NDÔNGUTI



Em páginas de sabedoria, traçadas com idade,
“O que é filosofia?” revela parte da verdade.
Uma pergunta importante, a nos instigar,
O que é isso que fazemos, como podemos pensar?

Pensadores ousados, audaciosos na busca, exploram a fundo,
não se reduzam à casca.
Em novos caminhos se aventuram, sem clichês,
Respostas fáceis não satisfazem, querem mais, de uma vez

Filosofia, o livro de (entre)linhas, em suas páginas sábias,
Questiona a ciência, a arte, desbrava novas vias.
Diferencia-se, se destaca, em sua forma Africana ou Helêника
Nas trilhas do pensamento, é uma chama cênica.

Cuidado, precisamos ter, ao nos embrenhar,
Nessas reflexões profundas que ali estão a se desvendar.
Cuidado com as certezas prontas e superficiais,
A filosofia exige coragem, mergulho em mares abissais.

Assim, nesse livro, encontramos o convite,
A desbravar horizontes, a questionar sem limite.
O que é pensar? O que é o conhecimento verdadeiro?
Em busca de respostas, somos conduzidos, por um mundo inteiro.

O que é filosofia? É um chamado à sabedoria,
Uma jornada perene em busca de clareza e harmonia.
Na audácia de filósofos existencialistas, nestes *ndônguti* encontramos luz,
Um convite para pensar, para compreender o que nos seduz.

HERÁCLITO - A POÉTICA DA MUDANÇA E A BUSCA PELA VERDADE



Heráclito, o filosoeta,
Percebia a vida tal como um pequeno riacho
Um sempre movimentar transformando a realidade em contradição,
Desafiando seus contemporâneos e a todos à reflexão.

A linguagem do filosoeta, era divina,
Remetia a rituais religiosos e cerimônias,
Aquele que descendia de reis,
Buscava a verdade em suas alegorias.

“Um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio”,
Assim como as águas que passam incessantemente,
O homem também está em constante mudança,
Em busca de uma nova essência, sem herança.

O conflito, pai e senhor de todos os seres,
Fez deuses, fez homens, fez livres e escravos,
Heráclito questionava a ordem estabelecida,
E buscava um novo caminho a ser trilhado.

O fogo se transforma em todas as coisas,
E todas as coisas se transformam em fogo,
Assim como se trocam as mercadorias por ouro,
E o ouro por mercadorias em constante jogo.

Na Grécia antiga, o comércio se intensificou,
As cidades cresceram, as instituições políticas mudaram,

E os tiranos se estabeleceram no poder,
Enquanto Heráclito se opunha a esse proceder.

Mas suas razões não o levavam à democracia,
Pois buscava a verdade além das ideologias,
E sua filosofia, em diálogo com a educação,
Abria caminhos para uma nova reflexão.

HIATO

ENTRE ESPECULAÇÃO E VIDA



Atrás do cenário, um céu de verdades ocultas
Refletindo as nuances da existência que nos sepulta
Qualquer um que viva a experiência da mudança
Sabe que tudo começa, sutil, pelos livros em nossas andanças

Esvaziar uma biblioteca é ser arqueólogo de si mesmo,
Desenterrar memórias empoeiradas, ecos do que fomos a esmo.
Tomando nas mãos as páginas amareladas ou empoeiradas
O passado vem à tona como um rio que deságua de maneira desvairada.

Cada palavra lida é um espelho que reflete
As dúvidas e certezas que moldam nossa existência e diverte,
Conheci-te a ti mesmo, como um viajante em busca,
Explorando o labirinto interno da própria vida que ofusca.

Entre especulação e vida, não deveria haver hiato,
Pois cada questionamento é uma porta aberta à reflexão.
A mudança não é apenas movimento; é transformação,
Um convite à dança entre o ser e o saber, de imediato.

E assim, nesta jornada de descobertas e tropeços,
As palavras se tornam guias, faróis na escuridão.
No entrelaçar dos pensamentos e das vivências diárias que se vão
Encontra-se a coragem de viver em plena verdade e recomeços.

HIPNOS E A DANÇA DOS SONHOS



No reino dos sonhos, duas raízes brotam,
Uma dos conteúdos que o dia deixou,
Impressões conscientes, memórias que flutuam,
Assim, no inconsciente, são plantadas.
As constelações surgem, misteriosas e profundas,
Nas entranhas da mente, secretas conexões,
Uma dança entre o consciente e o inconsciente,
Criando imagens, reflexões, revelações.

O sonho é reação, eco do inconsciente,
Resposta a situações que a mente enfrentou,
Conflitos que emergem, em luta presente,
Entre a consciência e o mundo que se formou.
Traz consigo tendências, mudanças em curso,
Movimentos profundos que desejam guiar,
O inconsciente almeja, com seu discurso,
Transformar atitudes, novos caminhos desvendar.

Há também processos sem relação aparente,
Que emergem sem vínculo com a consciência,
Forças somáticas, criativas e envolventes,
Um mergulho no mistério, na sua essência.
Assim, os sonhos tecem um universo oculto,
Revelam segredos, desejos, conflitos profundos,
Nas asas da noite, o subconsciente faz seu culto,
Leva-nos a lugares que só lá são fundos.

Nas tramas do sonho, o mundo se transforma,
Em imagens, símbolos, histórias a desvendar,
No palco onírico, a mente se reforma,
E a jornada noturna se põe a desvendar.
Que os sonhos sejam portais para nossa alma,
Guiando-nos por caminhos do conhecimento,
Na dança sutil entre a noite e a calma,
Que desvelam segredos com encanto e alento.

No mistério dos sonhos, a vida se revela,
Em versos oníricos, enredos a desatar,
Que o sono nos leve a uma viagem tão bela,
Nas asas dos sonhos, a alma se libertar.
Nas paisagens etéreas do mundo do além,
Encontramos visões, símbolos a decifrar,
Onde o tempo se perde e o real não tem refém,
No éter dos sonhos, a verdade a desvendar.

Assim, em cada noite, mergulhamos profundo,
Nas profundezas do eu, onde tudo é possível,
Onde fantasias se fundem ao mundo,
E a alma encontra seu voo mais sensível.
Ó deus do sonho, guie-nos em cada jornada,
Em nossas mentes inquietas, seja nosso sol,
Que em cada sonho se abra uma nova estrada,
E a esperança se renove tal como um farol.

MUNDO E PALAVRA



Amar é tal como ler um livro
Não há separação entre o pensar e o fazer
Amar é tal como escrever um livro
Não há separação entre o fazer e o dizer
Na vida o que fazemos diariamente sem opção
é ler e escrever!
Escrevemos a vida, lendo o mundo.
Fazemos a leitura de mundo, imersos no mundo da vida
Escrevemos a vida junto à leitura de mundo.
Aprendemos lendo Freire:
A leitura de mundo antecede a leitura da palavra.
É preciso acrescer que é a palavra escrita.
Não existe relação cronológica de anterioridade qualquer
Entre a leitura de mundo e a leitura da palavra.
Há aqui uma simultaneidade.
Com ou sem ambiguidade!

Lemos o mundo e escrevemos sobre o mundo com a palavra.
Escrevemos a palavra sobre o mundo, imersos no mundo dessa palavra.
Mundo e palavra sem divórcio.
Não há aqui um negócio.
Lemos o mundo e escrevemos a palavra,
Na órbita incerta, onde a existência é solidão e multidão
O ser e o mundo, numa dança de tensão,
Na construção constante de nossa própria palavrão.
Na palavra, desvelamos nosso olhar largo e profundo,
No mundo que se revela, no ser que se refaz no segundo.
A vida é uma trama, um fio que se desenrola vagabundo,

A palavra é o pincel que pinta o nosso mundo.

Existência se entrelaça com o que se revela,

O mundo é o palco, a palavra, a tela,

No teatro da vida, a realidade é essa e aquela.

Somos ser-no-mundo, em busca e construção de sentido,

Escrevemos nossa história, em cada ato, em cada gemido.

Na palavra, encontramos o abrigo,

No mundo que desvendamos, em cada sentido perdido.

Mundo e palavra, fundidos, somos criadores,

Na dialética da existência, somos transformadores.

No ser e no mundo, somos exploradores,

Na busca da autenticidade, dos valores sedutores.

Lemos e escrevemos o mundo no mundo da palavra.

No palimpsesto da vida, esta é tal com pergaminho, ou papiro
ou ainda papel,

Tudo pode ser apagado, mas ao ser reutilizado para escrever novamente,
vestígios do texto anterior ainda podem ser vistos e lidos.

É um algo que carrega camadas de palavras.

Na palavra, buscamos e construímos o que somos,

E somos ao sermos no mundo do palavrear

Não há o que titubear,

O que nos resta é escrever e ler a vida,

Ou seja, fazer escrivinhação.

Sendo protagonista e escritor ou escritora

Não esquecendo que também tem o papel de direção!

O CHAMADO DO MAR



É difícil descrever o fascínio e o espanto
Que nos toma quando crianças,
Com as ondas aos calcanhares, olhamos o mar indomado,
Imensidão à nossa frente, vigor atrevido que avança,
Versus os rochedos, decompondo tudo em areia,
Onda após onda, lembrando nossa fragilidade na veia.

A mente se aperta, o estômago se embrulha,
Experimentamos vertigem, um estranho desequilíbrio,
Que nos convida a penetrar, mas nos agarra no lugar.
Não é simples dar o passo inicial,
Porém, o chamado do mar não se ignora,
Ele, o Mar, sempre vigora

O mar, suave e vultoso, é belo de ver à distância,
Ao estarmos em terra firme, longe das ondas.
Admiramos os pescadores em suas jangadas,
Sabemos que às vezes não retornam.
Aprende-se com o mar a deitar na praia,
De ter o que comer, de não atravessar dores,
Faz-se disso um motivo para filosofar:
A felicidade dispensa o ímpeto cego da conquista,
Do desejo desmedido, lembrando que pode ser prazer
Ou um intenso sofrer
Deve-se escolher!

É difícil apontar-lhe erro, mas Caymmi,
Com o sal nos lábios, cantava: “É doce morrer no mar”.
É importante apreciar a praia calmamente,

Sob o calor do Sol, mas às vezes precisamos
Enfrentar a rebentação.
Há um feitiço
Na ideia de grandeza, nos encanta como o canto das sereias,
Hipnotizados pelo desejo de fazer da vida algo excepcional.
Sentimos que o que nos foi reservado é pouco,
Precisamos de mais.
Tipo algo triunfal.

Tantos motivos para criticar os excessos,
O consumo desenfreado do nosso tempo.
Sabemos que nem sempre o mais é melhor,
Mas a ambição é parte do que somos,
Seria moralmente duvidoso deixá-la de fora.
Nem sempre somos seduzidos a perseguir a grandeza,
Às vezes ela brota do nosso próprio solo,
Desejo por mais guiado pelas entranhas.
Quando a mesma vida não basta, buscamos outra,
Este é o caminho que nos leva ao mar.

O novo, quando se anuncia, parece loucura,
Uma fantasia risível frente ao mundo já dado,
Um barquinho imaginário esperando pela tormenta.
Frente à fragilidade do desejo nascente,
Encaramos as dores e angústias que a mar promete.
Eis que assim isso me remete:
Encontrar o profundo mar do qual sou tiete.

O ENIGMA DE HIPASO



Foi no ambiente pitagórico que Hipaso de Metaponto se destacou
Um matemático dos mais brilhantes ai estudou.
Pesquisou geometria e aritmética, e ficou obcecado
com a questão da incomensurabilidade, sem enviar recado
Em termos simples, esta significa que alguns comprimentos não podem
ser expressos

Tanto em termos de números inteiros ou frações para progressos
Para Hipaso, isso significou que algumas formas geométricas,
tais como o pentágono, não podiam ser construídas com régua e
compasso.

Lembramos de Gilberto Gil, nos seus cantos e passos
Para os pitagóricos,
que acreditavam que o mundo era matematicamente perfeito,
essa descoberta era alarmante.

Se pentágonos, ou qualquer outra forma incomensurável,
não podiam ser construídos,
então o mundo não era tão perfeito quanto se pensava.

Isso colocou Hipaso em uma posição perigosa,
a descoberta da incomensurabilidade questionava
a própria base da filosofia pitagórica.

Pitágoras ficou em apuro.
O mundo perfeito não mais era duradouro.
De acordo com uma versão da história,
Hipaso mostrou sua descoberta a seus colegas de escola,
que ficaram horrorizados sem demora
Eles o ameaçaram com a morte se ele contasse a alguém externo,
Pois sua descoberta ameaçava a base da filosofia pitagórica

Assim e, portanto, a própria vida após a morte.
De toda a sorte,
Hipaso prometeu manter o segredo,
mas logo depois deixou a escola e começou a compartilhar sua
descoberta.
Isso o tornou um herege pitagórico,
um traidor da filosofia de Pitágoras
e, portanto, um homem marcado para a morte.
Embora a história exata de sua morte seja desconhecida,
alguns relatos sugerem que ele foi jogado ao mar a mando de seus
ex-colegas,
para que sua descoberta “perigosa” fosse perdida para sempre.
Hipaso se tornou uma vítima da matemática sombria
morto porque descobriu algo que não queriam que fosse conhecido.
Seu nome, no entanto, não foi esquecido.
Hoje, ele é lembrado como um pioneiro da matemática,
cuja descoberta da incomensurabilidade
abriu caminho para a geometria não-euclidiana,
algo extraordinário e muito bacana,
para muitos outros,
avanços matemáticos importantes ao longo da história.
Aqui registramos essa memória!

O FILÓSOFO E O AMANTE



Na delicadeza dos pensamentos e das emoções,
O filósofo mergulha nas abstrações do ser,
Enquanto o amante se entrega às sensações,
Ambos desejando desvendar segredos do amor e do prazer.

O filósofo busca a verdade, a essência do existir,
Questiona as estruturas, desafia as convenções,
Já o amante vive intensamente o sentir,
Explorando as nuances das conexões e das paixões

Ambos mergulham no íntimo de si mesmos,
Buscando desvelar a complexidade da condição humana,
O filósofo com a razão, o amante com sua intensa paixão,
Desejam compreender a existência de forma profana.

O filósofo reflete sobre tempo, morte, o sentido da vida
Encontra nas palavras a expressão do pensamento,
O amante vive o presente, o momento vivido,
Encontra nas carícias a linguagem do sentimento.

Assim, filósofo e amante se entrelaçam,
Emaranham-se em busca de respostas,
Compartilham suas inquietações, se abraçam,
Na jornada de compreender a vida em suas apostas.

Cada um à sua maneira, exploram a existência,
Encontrando-se em uma dança cósmica a sublimar,
O filósofo e o amante, com sua resiliência,
Compartilham a busca pelo sentido em cada rimar.

Assim, na simbiose entre o pensamento e a paixão,
Tentam desvendar os mistérios do ser e do mundo,
Encontram na sinergia uma verdadeira união,
Onde filósofo e amante se entrelaçam em um segundo.

Que a busca do filósofo e a entrega do amante,
Inspirem-nos a explorar nossas próprias existências,
A compreender a vida de forma vibrante,
Na construção da verdade, na busca por novas experiências.

Que a semelhança entre o filósofo e o amante,
Nos conduza à reflexão e ao êxtase do viver,
Que cada um, em sua busca constante,
Encontre no amor e no conhecimento o seu ser.

Que poesia e filosofia se encontrem,
Em um diálogo largo, profundo e inspirador,
Que a construção da verdade nos sustente,
Em um mundo onde o amor seja o grande motor.

Assim, filósofo e amante se entrelaçam na existência,
Em uma dança de questionamento e encantamento,
Encontrando no encanto sua maior essência,
Revelando a amplitude do pensamento.

Que a jornada do filósofo e do amante,
Nos inspire a construção da verdade em cada verso,
Que poesia e filosofia estejam num encontro constante,
Caminhando pluralmente para viver num pluriverso.

PARA NAMORADOS E NAMORADAS DO DIA – RELIGIÃO E FILOSOFIA



No vasto universo das cores que se entrelaçam,
Encontro no budismo a compaixão que nos abraça.
Um amor sem amarras, consciente e sereno,
Capaz de florescer sob qualquer cenário ameno.

No trabalho intenso de amar, o budismo nos guia,
Desvendando projeções e ilusões que a mente cria.
Deixar emergir um amor calmo, pleno de paz,
Transformar garras em carícias, um gesto audaz.

Os chineses nos ensinam a harmonia buscar,
Não ver o outro como oposto, mas como a complementar.
Ampliar nosso olhar com perspectivas distintas,
A diferença não é temida, é fonte de novas tintas.

A Índia desperta o sagrado em cada ser,
Amar a sabedoria feminina e masculina em você.
Reconhecer o divino na criação e em cada ser presente,
Tocar não só um corpo, mas um sopro cósmico ardente.

A Grécia nos revela a importância do espelho,
Conhecer a nós mesmos através do outro.
Antes de doar-se, é preciso estar em comunhão,
Caminhar além do ego, encontrar a própria razão.

No judaísmo, o amor é participação divina,
O outro revela transcendência, uma verdade cristalina.
O respeito ao amor é o caminho da ética,
Nunca utilizar o outro como meio, mas percebê-lo desde a estética.

Kant nos lembra que o outro é um fim em si,
Amar sua subjetividade, sem usar, assim.
Construir uma sociedade de aprendizado e amor,
Uma assembleia de almas em constante ardor.

O cristianismo nos brinda com amor de gratidão,
Ágape, superabundância que transcende a razão.
Amar o outro em sua diferença, ver o divino em seu ser,
Reconhecer-se no outro, um ato de se fortalecer.

O amor não é uma ordem, mas uma esperançar,
Um devir, uma jornada que a alma busca alcançar.
Abraçar cada tonalidade, expandir plenamente todas as cores,
Viver o arco-íris, sem desbotar os vários possíveis amores.

Neste dia dos namorados, celebremos o amor verdadeiro,
Aquele que nos faz viver plenamente o mundo inteiro.
Que nossas jornadas sejam repletas de amar,
Sempre em busca da paleta completa, em cada olhar.

Que não falte coragem para amar de coração,
Que jamais nos falte a dádiva de viver a emoção.
Desejo a todos uma viagem sublime e sem fim,
Pois amar é viver intensamente, até o último confim!

PITÁGORAS: SÁBIO DOS NÚMEROS E DA ALMA



Pitágoras, sábio misterioso
Nasceu em épocas já passadas
Mas suas descobertas, oh, preciosas
Até hoje são valorizadas

Através da matemática
Ele nos ensinou a pensar
Que a música é também prática
E pode nossos sentidos encantar

Criou uma seita, tão diferente
Onde a alma era vista como eterna
Comiam mel e pão, tão conscientes
E vestiam túnicas de linho em cada jornada interna

Seus seguidores eram ginastas
Músicos e matemáticos também
Horários rígidos, que suas mentes acalmassem
E assim pudessem descobrir além

Pitágoras, oh, mestre dos números
Ensinou-nos a olhar além do visível
A encontrar beleza nos cálculos mais duros
E assim tornar o mundo mais tangível.

PONTO INFINITO



Somos o ponto onde a infinitude se faz indivíduo,
A poeira estelar que se torna humano.
Entusiasmados, sentimos em nós a divindade,
Força que nos move, que nos guia com alteridade.

Somos obra do universo, do cosmos que se expande,
Ecos de uma estrela que explodiu, que nos moldou.
Somos a história da vida, do que veio antes de nós,
Da evolução que nos trouxe até aqui, em corpo e voz.

Nesse ponto finito, somos íntimos do infinito,
Do divino que pulsa em cada célula do nosso ser.
Entusiasmados, percebemos a grandeza da vida,
Sermos um ponto na imensidão do universo como força nascida.

RUMO AO HORIZONTE



Entre os véus do pensamento, nos lançamos
Além das fronteiras que nos limitam,
No trabalho com a filosofia encontramos
Um caminho que nos arremessa além de nós mesmos.
Em nome próprio, nos aventuramos,
Mas não estamos sozinhos nessa jornada,
Grandes filósofos e amigos nos acompanham,
Com suas vozes sábias e palavras sagradas.
Fazer do pensamento nosso ofício,
É enfrentar terrenos movediços e incertos,
Mas nos enche de alegria e deleite,
Ver a filosofia se tornar um modo de vida.
A cada dia, um desafio nos aguarda,
Uma busca incessante por respostas e novas perguntas
É essa empolgação que nos impulsiona,
A continuar, apostando em um horizonte que seduz.
A filosofia é uma jornada fascinante,
Nos leva por caminhos inexplorados,
Nesse percurso, encontramos sentido e encanto,
Em um lugar mais interessante, mergulhados.

SABEDORIA SOCRÁTICA



Sócrates, o sábio filósofo,
No meio dos sofistas se movia.
Ouvia-os, com atenção,
Apreciando a relativização.

Mas ele, com sua ironia,
Perguntava, fazendo pensar,
Até que seus interlocutores,
Compreendessem seus erros e pudessem mudar.

Com a arte da maiêutica,
Buscava a libertar cada um de suas cadeias,
Mas o pressuposto era claro:
O interlocutor precisava estar grávido de suas próprias ideias.

Sócrates, o homem sábio,
Assim o deus Apolo o indicou.
E ele concluiu, tranquilamente,
Cada qual é ignorante.

E recomendou a cada um,
“Conhece-te a ti mesmo”,
Pois, para compreender a objetividade,
Primeiro é preciso entender a subjetividade.

E as ideias gerais,
Não eram plantadas na mente,
Mas surgiam de dentro de cada um,
Fruto do conhecimento presente.

Sócrates, o poeta filósofo,
Nos deixou um legado,
Através de Platão
De ironia, maiêutica e reflexão,
Para construirmos nossa conexão,
com metanoia, emoção e reflexão

SILÊNCIO



No vazio do tempo, os silêncios se perdem,
Nas sombras da alma, onde a dor se condensa.
Deixamos de dizer o que sentimos,
Os suspiros se tornam memórias distantes.
Assim seguimos, sem saber o destino
Esse, dos silêncios que guardamos em nosso coração.
Será que se dissipam no ar como fumaça?
Ou se transformam em lágrimas que não mais enxugamos?
Talvez eles habitem um lugar secreto,
Onde ecoam as vozes de nossos sentimentos.
Talvez sejam guardados em gavetas esquecidas,
Onde se misturam com sonhos e desilusões.
Mas uma coisa podemos dizer: eles não morrem.
Pois ainda que não os digamos em voz alta,
Eles permanecem vivos dentro de nós,
Como um eco constante que não nos deixa a sós!

SOBRE A FALTA DE TEMPO



Neste turbilhão de dias apressados,
Compressos no cansaço do trabalho,
Escrevo estas linhas, pressionado,
Suspirando por mais tempo a desejá-lo.
Como seria doce e sereno,
Ter o tempo estendido em meu favor,
Mas sinto que, ao reclamar, não sou o único,
Nesse coro de lamentos, em dor.

A falta de tempo é um mal presente,
Um sintoma coletivo, uma fantasia,
Sonhamos com um dia de trinta e duas horas,
Numa busca por alívio em cada dia.
E essa condição, que nos aprisiona,
Nos torna reféns de nosso próprio tempo,
É um sintoma de um sistema cruel,
Onde o capital se encontra em seu centro.

No jogo do capitalismo voraz,
A escassez é criada, a falta se instala,
Enriquecimento vem do roubo sutil,
Da desvalorização do tempo que cala.
Trabalhamos além do que precisamos,
Nos falta tempo porque assim nos roubam,
O valor que produzimos não retorna,
E o salário precário nosso tempo consome.

É hora de encarar essa realidade dura,

Que o tempo nos falta por causa do trabalho,
Vamos refletir sobre o sistema que nos rouba,
E busquemos um novo tempo a desvendar.
Que nossa mente se inverta, então,
Que possamos perceber que há tempo suficiente,
Reafirmando nosso direito de viver,
Nessa luta por uma vida mais plena e consciente.
Que o tempo não seja mais um inimigo,
Mas um aliado, um recurso a ser usado,
Para viver com propósito e harmonia,
Eternamente em ousadia.

SOBRE EDUCAR COM COMPLEXIDADE



Na teia dos saberes e fazeres, a educação se expande,
Em busca de ideias complexas que o mundo comprehende.
Uma ideia intrincada, que desafia o pensamento,
Explora mistérios, amplia horizontes, constroi novo alento.
Educar é mergulhar em múltiplos olhares,
Desvendar nuances, fazer interconexões, desafiar os ares.
Navegar em diferentes mares.
Uma ideia profunda e larga, que se tece com destreza,
Desperta questionamentos, constrói sabedoria, traça a natureza.
No labirintado das palavras, a complexidade se revela,
Desafiando mentes curiosas, que buscam a verdade singela.
Comunicar, transmitir, compartilhar o saber enredado,
Uma ideia fascinante, para todos serem envolvidos e transformados.
Nas linhas, entrelinhas e desdobramentos, a educação se revela,
Desbravando enigmas, nutrindo a alma com a mais pura aquarela.
Uma ideia sofisticada, como um voo nas estrelas,
Que cativa mentes, corações, e nos leva a novas janelas.
Que a busca por ideias, intrincadas e interconectadas,
Seja a coração da educação, que é sempre iluminada.
E assim, com complexidade, poderemos avançar,
Transformando vidas, num constante renovar.
Ao educar com complexidade, podemos não ficar na reprodução,
Mas num tipo de saber e fazer que propicia transgressão.
Eis a semente da revolução!

SOBRE EDUCAR COM FRATERNIDADE



Na trama dos afetos, a educação floresce,
Em busca de ideias fraternas o mundo não enrijece.
Uma ideia solidária, que acolhe o coração,
Constrói laços de união, brota em cada ação.
Educar é abraçar em múltiplos gestos,
Inspirar compaixão, semear amor em todos os contextos.
Uma ideia afetuosa, que acende luzes de esperança,
Une mentes e almas, em uma dança de bonança.
No entrelaçar das palavras, a fraternidade se revela,
Construindo pontes, derrubando muros, despertando a sequela.
Comunicar, transmitir, compartilhar o saber e o fazer com empatia,
Uma ideia cativante, para todos sentirem a harmonia.
Nas linhas e entrelinhas, a educação se humaniza,
Cultiva respeito, valoriza a diversidade, cria a harmonia.
Uma ideia generosa, como um abraço acolhedor,
Que transforma vidas, traz paz e calor.
Que a busca por ideias, fraternas e solidárias,
Seja o coração da educação, que é sempre visionária.
Assim, com afetividade, poderemos avançar,
Transformando vidas, num mundo a se encantar.
Ao educar com fraternidade, plantamos a semente,
De uma educação que floresce, que acolhe e não mente.
Eis a essência da revolução: o grande presente da educação!

SOBRE EDUCAR COM SORORIDADE



No vasto universo da educação, sororidade se irradia,
Entre saberes e enlaços, uma conexão no cotidiano arrepia
Uma ideia de irmandade, que ao coração se eterniza,
Inspirando a cada passo, uma nova sinfonia.
Educar é acolher, em braços, em laços e afins,
Unir vozes e talentos, em um só caminhar sem fim.
Uma ideia resiliente, que fortalece e não desfaz,
Construindo pontes de confiança, em um mundo de paz.
No entrelaçar das histórias, sororidade se desvela,
Cultivando a empatia, criando laços que vencem a cela.
Comunicar, transmitir, compartilhar o saber com ternura,
Uma ideia envolvente, que irradia doçura.
Nas linhas e entrelinhas, a educação se entrelaça,
Promovendo encontros, transformando a nossa praça.
Eis que a sororidade não é nenhuma desgraça.
É uma ideia poderosa, dentro e fora da alcova
Faz-se tal como um abraço resoluto,
Que promove a justiça, em cada gesto absoluto.
Que a busca por ideias, sororais e empáticas,
Seja o coração da educação, que é sempre autêntica.
Assim, com sororidade, poderemos avançar,
Transformando vidas, em um mundo a se abraçar.
Ao educar com sororidade, plantamos a semente,
De uma educação que cura, que une e não mente.
Eis a essência da revolução, a grande dádiva da educação,
Construir um mundo de equidade, com afeto e politização.

SOBRE EDUCAR COM VERDADE



Nas tramas do conhecimento, a verdade é desvendada,
Entre complexidades e fraternidade, a luz é ampliada.
Uma ideia transparente, que guia o nosso olhar,
Na busca incessante, pelo saber a desvendar.
Educar é revelar, sem véus, sem enganos,
Abrir horizontes, libertar os seres humanos.
Uma ideia autêntica, que transforma a consciência,
Impulsiona a jornada, rumo à evolução e à ciência.
No desenrolar das palavras, a verdade se propaga,
Construindo pontes, que a educação carrega.
Comunicar, transmitir, compartilhar com sinceridade,
Uma ideia diversificada, que toca a humanidade.
Nas linhas, entrelinhas e desdobramentos, a educação se expressa,
Em cada gesto, em cada ato, a verdade é o oposto da convicção.
Uma ideia poderosa, como um sol radiante,
Que ilumina mentes, corações, e torna o mundo mais brilhante.
Que a busca por ideias, sinceras e sem ruína,
Seja o alicerce da educação, que é sempre genuína.
Assim, com verdade, poderemos avançar,
Transformando vidas, em um eterno renovar.
Ao educar com verdade, plantamos a semente,
Da sabedoria verdadeira, que se revela em cada mente.
Eis a essência da revolução, o cerne da educação,
Construir um mundo de autenticidade, onde brota intuição.

SOBRE O AMOR



No labirinto do amor, temos o contingente,
o incondicional e o de toda gente.
Tem-se caminhos incertos e exigências presentes.
Um sentimento condicional, dependente,
Que se desfaz se não atender às demandas quentes.
Tem-se um amor atado a condições e expectativas,
Uma dança delicada, imprevisível e cautelosa.
Nas sombras da incerteza, paixões restritivas,
Onde o afeto se reduz, onde a alma fica ansiosa.
Mas eis que surge a luz do amor, talvez verdadeiro,
Um brilho incondicional, puro e inteiro.
Abraços que acolhem, aceitando sem temer,
Um amor que transcende, livre de qualquer interesse.
Despindo-se das amarras do contingente,
Encontramos possivelmente a plenitude, o elo resiliente.
No abraço sincero, no olhar compassivo,
Desvendamos o amor verdadeiro, intuitivo.
Que sejamos refúgio e compreensão,
Nessa dança de almas, sem imposição.
Um amor que abraça sem julgamento,
Acolhendo as imperfeições num só momento.
No encontro do incondicional e do íntimo,
Floresce a beleza de um amor legítimo.

SOBRE O INSTINTO DA MORTE



Em nós, parece não existir um instinto de morrer,
A vida e a morte, aparentemente e igualmente a temer.
A vida, é esta insuportável tradição e fardo que carregamos,
Enquanto a morte, misteriosa e desconhecida, evitamos.

Pelo que percebemos, pertencemos à vida pelo sangue e herança,
Assim, conhecemos seus fardos, seus pesos, sua eterna dança.
Entretanto, é em presença da morte, distante e misteriosa,
Que vamos, sem interesse em conhecê-la, silenciosa.

Aqui entendemos que entre o existir e o perecer, há dualidade,
Pois nitidamente a vida é privilegiada, pela sua realidade.
De outro lado, temos o peso de sua insuportabilidade,
Desta forma a morte é deserdada, na eterna invisibilidade.

Somos os protagonistas nessa dança existentialista, somos atores,
Como personagens entre a vida e a morte, eternos exploradores.
Nesta representação, sem instinto de morrer, mas com medo de viver,
Vamos assim dançando entre os extremos, sem poder escolher.

SOBRE VIVER E MORRER



A morte ronda, invade e ocupa a casa.
Ela chega quieta, às vezes lentamente
e vai se acomodando, ajeitando-se
Arrumando-se na sala, na mesa, na cama.
Ela não carece de pijama.

Ela às vezes chega rapidamente.
Parece não mandar aviso algum.
Apesar de chegar via mensagem
Ou até mesmo ligação,
Somos tomados por pura emoção.

Ela provoca uma estranheza em nós
O interessante é que durante toda a vida
Ela apresenta-se como uma companheira
Dela não há divórcio, ou qualquer separação
Existe aqui uma hierogamia em ação.

Ela não tem dia, não respeita nenhum horário
E acontece de sempre chegar, de sempre estar presente
De maneira alguma se faz ausente
Ela é uma Presença em Ausência
Que provoca a Ausência da Presença.

Deseja-se combater a morte.
Isso faz parte do instinto de defesa.
Ao queremos controlar o incontrolável
Nos deparamos com uma batalha perdida
Em toda medida ela é uma querida.

Para os gregos antigos, a boa morte era um destino honroso,
Um telos que sela a vida com glória e reconhecimento,
Onde a coragem no campo de batalha é a senda luminosa,
E a glória conquistada a mais pura celebração.
É tempo de entoar a intrépida canção!

Na morte temos uma outra conquista.
Uma boa morte é o selo do herói intrépido,
Que, no ápice de sua coragem, encontra Moira,
Lembrado eternamente em cânticos e poesias,
Venerado e perpetuado nas memórias e estripulias

Não há lamento em uma boa morte, mas sim um triunfo,
Um penetrar nos Champs Élysées, onde os valorosos repousam,
Junto aos deuses e espíritos ancestrais,
Numa paz eterna, recompensa por feitos imortais.
Vamos assim conquistando os portais.

A boa morte para os gregos antigos era um horizonte dourado,
Um portal que transformava o efêmero em eterno,
Um legado cravado no tecido da história,
Onde a vida se findava,
mas a glória jamais terminava.

É necessário pois, entender
Que ao nascer começamos a morrer
Eis o desafio: sobreviver? Parece que não!
O grande desafio é lidar com a morte
O fim daquilo que nos é certo, de toda sorte.

Sou fascinado pela morte.
Tenho um caso de amor com ela
Tem sido minha constante companheira
Ela é parte da vida.
Não se concebe o viver sem o morrer.

SOFISTAS, A FALÁCIA DA PERSUASÃO



Sofistas, homens da persuasão,
Com suas falas inflamadas e vãs,
Disfarçavam a verdade com ilusão,
Levando o povo a seguir falsas ideias.

Elevando o homem como objeto de estudo,
Mas com interesses próprios em mente,
Suas palavras eram um escudo,
Para justificar seus argumentos convincentes.

A democracia florescia, é verdade,
Mas a busca por ela se rendia, se perdia,
A retórica vencendo a razão,
E a ética ficando em agonia.

Sim, a vida é uma constante transformação,
Mas sem princípios éticos, o que resta?
Palavras bonitas, sem uma direção,
E um povo enganado, à mercê de uma fresta

Que a filosofia continue a nos guiar,
Mas não nos deixemos seduzir,
Por discursos que tentam nos enganar,
Carecemos de pensamento crítico que nos faz refletir.

Que a educação seja sempre o caminho,
Para a verdadeira compreensão,
que a razão e a ética estejam juntas,
Nesse mundo de tanta ilusão.

Sofistas, agora a persuasão é digital,
Com as fake news e os deep fakes,
A verdade se torna virtual,
E a pós-verdade cria debate factual.

A retórica é ainda mais sofisticada,
Com algoritmos e inteligência artificial,
As ideias são manipuladas,
E a persuasão se torna virtual.

Mas não podemos nos deixar enganar,
Pois a ética é mais importante que a persuasão,
Precisamos de uma nova forma de pensar,
E de uma educação para essa nova geração.

Que a filosofia e a ética nos guiem,
que a educação seja uma transgressão,
Desses discursos que tentam nos iludir,
E que a verdade prevaleça em comunhão

SONETO FILOSÓFICO



Na busca do eu, a filosofia indaga,
Farmacêutica da alma, busca fornecer,
Na caminhada, ideias a construir e crescer,
Em conceitos e abordagens que deságua.

Em ética, a psique se esforça e traga,
Nossos medos, desejos, ao perceber,
Sofrimentos e anseios, a conhecer,
Para que a vida em nós se propaga.

Entre dores, quereres, descontentes,
A mente vagueia, em busca de serenidade,
Na trama dos sonhos, com lealdade.

Mas a psique mergulha: profunda, audaz,
Explorando o âmago, entre correntes,
Buscando o ser vigente: inerentes e interdependentes.

SUBJETIVIDADE E OBJETIVIDADE: UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA



Subjetividade é um conceito complexo
Refere-se à experiência individual
É um dizer que tem dimensão social e pessoal
Inclui pensamentos, sentimentos, percepções
experiências endógenas,
sem negar as exógenas.
Jeito singular como cada sujeito interpreta,
dando sentido ao mundo ao seu redor,
estando influenciada por sua história de vida, percepções
cultura, valores, crenças e emoções.
A subjetividade é uma espécie de vitamina de frutas
liga a consciência individual
e experiência subjetiva de si mesmo e dos outros.
É uma vitamina saborosa e gostosa.
Ela energiza e influencia
Tanto a forma como cada pessoa percebe e comprehende eventos, situações
Como também relacionamentos, adaptando suas decisões,
Destaque-se que a subjetividade não é fixa ou imutável,
mas dinâmica e em constante movimento ao longo da vida
Ela é (re)construída por uma variedade de fatores internos e externos
Pode ser influenciada por mudanças de contexto,
E também experiências significativas e interações sociais.
A subjetividade é a experiência singular,
excepcional e única de cada sujeito
refletindo sua perspectiva pessoal e subjetiva do mundo,
de si mesmo, ao seu jeito.

A objetividade é um princípio epistemológico
busca a imparcialidade, a independência em relação a influências pessoais,
preconceitos e opiniões individuais.

refere-se à capacidade de descrever fatos, eventos ou fenômenos
de maneira fenomenal e imparcial, sem distorções ou interpretações
subjetivas.

Na busca pela objetividade, busca-se eliminar o viés pessoal
e as apreciações individuais,

foca-se na descrição precisa e factual dos acontecimentos.

Isso envolve o uso de métodos e procedimentos

Estes que permitem observação e análise dos fenômenos de forma isenta,
baseada em evidências

estas concretas, verificáveis,

sendo transparentes e responsáveis

A objetividade é fundamental para garantir a validade
e também confiabilidade

tanto das conclusões, como das teorias.

Isto com toda a ousadia.

Implicando em seguir rigorosamente os princípios do método científico,
Tais como: observação sistemática, replicação de experimentos
e a análise crítica dos resultados e procedimentos
deve-se assim:

evitar influências pessoais, garantir a precisão
e também a imparcialidade

na interpretação dos dados com toda razão.

A discussão entre subjetividade e objetividade é um tema recorrente
Envolve várias áreas do conhecimento,

desde a filosofia até a ciência, com todo o embasamento

Enquanto a subjetividade se refere à experiência individual e pessoal
a objetividade busca descrever fatos e fenômenos
de maneira que pareça justa e imparcial,

Esses dois conceitos são muitas vezes vistos como opostos,

É preciso superar essa dicotomia, com toda a maestria e ousadia

Assim, pode-se gerar debates interessantes

Tanto sobre a natureza do conhecimento, como sobre a da realidade,

Sem posturas arrogantes ou beligerantes.
Na dimensão da arte a subjetividade é valorizada
como uma expressão autêntica e única da experiência humana.
Tendo, pois, características de porcelana
Artistas exploram seus próprios sentimentos e percepções
criam obras que ressoam com o público de maneira pessoal
e exponencialmente emocional.

A subjetividade permite que cada sujeito interprete a vida, a arte de
maneira única,
adicionando camadas de significado e complexidade, tal como uma túnica
Por outro lado,
na ciência e na pesquisa,
a objetividade parece ser fundamental para garantir validade
sustentar nos resultados confiabilidade.

Cientistas desejam descrever os fenômenos de maneira imparcial,
A objetividade na ciência visa eliminar o viés pessoal e as opiniões subjetivas,
focando na descrição precisa e factual dos fenômenos observados.
É importante reconhecer que a distinção entre subjetividade e objetividade
nem sempre é nítida, distinta e absoluta.

Mesmo em algumas áreas da ciência,
onde a objetividade é supervalorizada,
pesquisadores inevitavelmente trazem:
suas próprias perspectivas e pressupostos para o processo de investigação.
Da mesma forma, na arte, a objetividade muitas vezes é questionada,
pois a interpretação de uma obra de arte e da própria vida
pode variar de acordo com o contexto cultural e individual de cada sujeito.

A relação entre subjetividade e objetividade é complexa e multifacetada,
Ambas desempenham papéis importantes na forma como entendemos
o mundo ao nosso redor.
Enquanto a subjetividade nos conecta com nossa experiência individual e
pessoal,
a objetividade nos permite buscar um entendimento compartilhado
algo da dimensão do fundamentado
tanto nos fatos, como nas evidências disponíveis.

Objetividade é uma virtude
Imaginada pela ciência e pela filosofia
tão sonhada para com a verdade,
eis alguns problemas:
a indiferença para com os sentimentos;
a exclusão dos impulsos mais dominadores.
Não somos capazes de uma superação capital
Essa da nossa condição humana subjetiva e radical.
Recheadas das fronteiras de percepção, de necessidades tais
tendo ainda mais os limites emocionais.
Estes dificultam o conhecimento objetivo.
De outro jeito, a subjetividade da cor, do fulgor,
da vivacidade e sentido à vida, à existência em todo vigor.
Independente de quaisquer dessas categorias
Ela revela nossa capacidade e necessidade
Essa de atribuir valores e definições
Isto possibilita a existência como algo puramente magnífico,
Mesmo que seja ou não.
Não é do campo da correspondência,
Mas da experiência, da vivência.
Se pudéssemos extinguir da condição humana todas as paixões,
Se conseguíssemos eliminar os vícios e os sentimentos
Se fosse possível superar tudo que nos aparta da objetividade,
exceto naipes genuinamente biológicos
O que construiríamos de nós mesmos?
Será que faríamos de nós mesmos sujeitos desprezíveis?
Seríamos sujeitos ou tão somente objetos?
Não sendo o perigo, o prazer pela aventura,
a delícia da descoberta... sem a subjetividade,
não teríamos arte,
tampouco ciência, ou tecnologia.
Assim, nada de criação e ousadia.
Eis a condição primordial para a existência:
A pulsão subjetiva para o prazer na vivência!

Objetividade e subjetividade,
Um duelo eterno no corpo e mente humana,
Entre a busca pela verdade imparcial,
E a abastança das cores da alma.
Objetividade, ambição da ciência,
A imparcialidade que teima em guia,
Eis a subjetividade que nos seduz,
Com suas cores e harmonias que nos traduz
Somos humanos, limitados, inacabados
Pela condição subjetiva que nos define,
Nossas percepções e emoções a jogar
São fronteiras que não podemos revogar.
A subjetividade, fonte de vida,
Dá sentido e cor à nossa existência,
Sem ela, seríamos apenas objetos,
Sem paixão, sem arte, sem ciência.
Que bela contradição, essa dualidade,
Objetividade e subjetividade em nós,
Pois é na interseção desses opostos,
Que encontramos a verdade da nossa voz.
Que possamos abraçar essa dicotomia,
Encontrando pólemos e equilíbrio nessa jornada,
Pois é na comunhão praxiológica desses dois extremos,
Que descobrimos a beleza da estrada.

TODO COMEÇO É UMA PROMESSA



Todo começo é uma promessa,
Um sussurro no ar que nos convida a sonhar.
Esta frase, como um fio tênue,
Promete um desfecho, um ponto de chegada,
Mas um simples ponto de interrogação
Pode interromper a dança das palavras logo na largada

Conforme o parágrafo avança em sua dança
Cresce a expectativa, como um balão prestes a estourar.
Cada palavra desenha um pedaço do caminho,
E seguimos juntos na busca por satisfação, sendo dançarino
Curvas esperadas surgem,
Termos desconhecidos, longas descrições,
Um eco de repetições que nos faz perguntar:
Quando chegaremos a algum lugar?

Agora mesmo, centenas de sílabas se espalham,
Mas quase nada foi dito; é assim que se lê, que se faz acontecer.
Um exercício de paciência em cada linha, em cada papo reto
Onde as respostas devem vir no tempo certo,
Equilibrando excitação e tédio como acrobata experto.

A ansiedade cresce à medida que a conclusão se aproxima;
Ela pode nos arrancar lágrimas ou nos levar à loucura,
Ou quem sabe nos oferecer a razão.
Mas o fim deixa sempre um gosto amargo, na boca e no chão
Transformando o que era pura espera em traição decente,
O saber é o fim do mistério que nos prende, tal como entorpecente.

Alguns escritores optam por deixar suas histórias inacabadas,
Delegando aos leitores a tarefa ingrata de finalizar.
Gentileza ou covardia? A resposta é incerta.
É necessário um ensinar e compartilhar
E assim paramos na metade do livro, enfim
Para que ele nunca tenha, de modo algum, um fim.

É difícil lidar com a necessidade de encerramento,
Quando estamos tão envolvidos nas tramas e discernimento.
Para minimizar a frustração, há os que buscam o final perfeito,
Um gesto de lealdade aos personagens e ao que carregam no peito.

Fechar uma história ou deixá-la em aberto? Ambas são formas de fracasso;
O ponto final é um terror silencioso para quem escreve.
Ninguém escapa do término e seu desgosto profundo.
No final das contas, escrever é uma maneira de adiar o fim, em toda sua
ludicidade
Um ato solene de serenidade, entre o desejo e a realidade.

TODO COMEÇO É UMA PROMESSA II



Todo começo é uma promessa,
Seu princípio é um sussurro escondido em olhares,
um passo incerto na dança do tempo em diversos lugares
Mas logo, como sombra que se estende,
o final se insinua,
como um amante que não quer partir.
O que se deseja de forma intensa é curtir.

Não se sabe lidar especificamente com a dor do adeus,
por isso nos perdemos em desvios,
driblamos a realidade com floreios e devaneios,
palavras que brotam como flores no asfalto,
tentando dar sentido ao caos do caminho do baixo ao alto

Escrever é um ato íntimo, da dimensão do erótico,
encontrar o jeito de prolongar a espera, a expectativa
alongar a distância entre o início e o fim de forma ativa
É um jogo de sedução com a vida, com a resistência
onde cada frase é um toque suave na própria existência
cada verso um convite ao desejo, assim vejo.

No desejar, podemos ser remetidos ao amar
Fazer amor com a palavra é essencial,
é entrelaçar sentimentos em versos ardentes,
é criar mundos onde o tempo se dissolve, de maneira candente
onde o fim é apenas uma pausa na canção.
E assim seguimos, entre promessas e silêncios,
Envoltos em todo coração
navegando nas águas profundas e largas da escrita,

em busca da eternidade que reside no agora.
Essa escrita que tal como Cronos não devora.
Mas é uma escrita que vigora,
Pois advém de outrora ao vigor da aurora!

TORNAR-SE QUEM SE É: NIETZSCHE EM LIÇÃO POÉTICA



Torna-te quem tu és, oh alma audaz,
Em meio à incerteza, encontra tua paz.
A solidão, questão premente a enfrentar,
No topo das altas montanhas, vai se elevar.
O Espírito Livre, desbravador destemido,
Escalando picos gélidos, perspectivas adquirido.
Longe do tumulto, do barulho e da algazarra,
Para si mesmo, aproxima-se, alma que sara.
Ninguém nos ensina a solidão, é verdade,
Aprendizado solitário, para a liberdade.
Sobre ruínas de valores humanos caminhar,
Energias ganhar, novos caminhos trilhar.
A Experimentação, trilha do Espírito Livre,
Nômade em busca do que o faz reviver.
“Torna-te quem tu és”, sentença a seguir,
Experimentar, conhecer, o ser descobrir.
Diversos estados fisiopsicológicos explorar,
Desvendar o que o afeta, o que pode amar.
Conhecimento nasce dessas experimentações,
Busca constante, reinventar-se em emoções.
“Outrar-se”, diferenciar-se, enquanto se encontra,
Em cada experiência, a alma se refaz, se apronta.
Torna-te quem tu és, trilhando teu próprio ser,
No caminho do Espírito Livre, a verdade a conhecer.

TRANSFORMAÇÃO E CONFLITO



A transformação constante,
Heráclito bem compreendia.
Em contradições se faz a vida,
O conflito é fonte da poesia

Mas o que dizer do homem,
Que se modifica sem cessar?
Nem ele mesmo é o mesmo,
A cada novo amanhecer a reinar.

O fogo que tudo consome,
Também pode nos transformar.
Pode fazer cinzas e espalhar pelo vento
Pode fazer queima desejo de se ajeitar.

Em tempos de tirania e democracia,
A vida segue seu curso sem parar.
Mas o que de fato importa,
É a nossa busca por nos encontrar.

Em meio a tantas mudanças,
Temos que aprender a nos reinventar.
E assim, encontrar o caminho,
Que nos leva a nos compreender e amar.

UM DIZER SOBRE IDENTIDADE



No debate social, a identidade se transforma,
As antigas formas se dissolvem, emergem novas,
Fragmentos de um indivíduo moderno se formam,
Desconstruindo aquilo que era antes norma

A crise identitária é parte de uma transformação,
Um processo amplo que abala as estruturas,
Deslocando as bases das sociedades em ação,
E abalando referências, trazendo rupturas.

Os quadros que ancoravam o ser no social,
Caminham para uma nova organização,
O indivíduo se reinventa e se reavalia,
Nessa busca constante por uma nova identificação.

Mudança é a palavra que permeia esse debate,
Reconfigurando conceitos e percepções,
A identidade se revela multifacetada,
Explorando diferentes expressões.

Assim, a identidade se reinventa,
Adaptando-se ao mundo em transformação,
Abraçando a diversidade que se apresenta,
Construindo novas formas de conexão.

VOZES DE RESISTÊNCIA



No coração da minha existência,
Reside a chama da resistência,
Nas veias, o sangue ancestral,
Flui em busca da minha identidade vivencial.

No olhar da alteridade,
Percebo a diversidade,
Reconheço a beleza da diferença,
E a força da luta pela existência.

Na religiosidade encontro refúgio,
O axé que guia meu caminhar,
Conectando-me com o sagrado,
Na ancestralidade a me amparar.

No encanto do feminismo negro, minha voz se ergue,
Tento romper as correntes da opressão,
Lutando na construção de um espaço,
Na percepção de uma nova visão.

Aqui trabalho manifestando verdade,
Compartilho vivências e perspectivas,
Vou rompendo as cadeias do silêncio,
Eis um grito de liberação ativa.

No racismo estrutural, vejo a ferida aberta,
A dor que persiste e se perpetua,
Mas me ergo em resistência,
Pelas vozes que ecoam na minha vivência.

No autocuidado, encontro a fortaleza,
Nas pequenas pausas e gestos de amor,
Cultivo minha mente e meu corpo,
Para seguir enfrentando qualquer dor.

Busco ser sujeito, assumir-me como protagonista,
Na trincheira da justiça e igualdade,
Unindo forças em cada esquina,
Pela transformação da nossa realidade.

Intimista e engajada existencialmente,
Minha poesia é um clamor,
Pelas lutas que ecoam em mim,
Que elas tenham jeito e cheiro de alecrim.

GRATIDÃO EM VERSO – ENCERRAMENTO COM AFETO



Ao chegar ao fim desta travessia poética e filosófica, não poderia deixar de estender minha mais profunda gratidão a todos os que, de alguma forma, caminharam comigo neste percurso. Cada palavra aqui escrita só ganhou sentido porque encontrou olhos que leram, ouvidos que escutaram com o coração, mentes que se permitiram pensar com poesia.

Agradeço aos que partilharam ideias, dúvidas, silêncios e emoções. Àqueles que compreenderam que entre o conceito e o afeto existe uma ponte — e decidiram atravessá-la. Agradeço aos amigos, aos leitores, aos mestres visíveis e invisíveis, às presenças que habitaram essas páginas como quem acende uma vela em meio à noite.

Esse livro não é apenas meu. Ele é costura coletiva de histórias, cicatrizes, intuições e encontros. É escuta. É presença. É entrega.

E assim, envolto por essa sensação de completude e abertura, deixo este poema como um sopro final, um eco que permanece:

GRATIDÃO EM VERSO

A gratidão é chave que abre portas,
desbloqueia a abundância que habita o ser.
Transforma o que tenho em um tesouro,
cada pequeno gesto ganha um novo ouro.
Torna o suficiente em plenitude,
a negação se dissolve em aceitação.
No caos, ela traz uma dança ordenada,
na confusão, clareza de coração.

Uma refeição simples se torna banquete,
um lar é tecido com memórias e calor.
Um estranho, ao toque da gratidão,
se transforma em amigo, em amor.
Ela dá sentido ao que já passou,
cura feridas com seu suave abraço.
Traz paz ao presente, como um canto sereno,
desenhando esperança para o amanhã que é nosso laço.
Assim sigo, com o coração aberto,
acolhendo a vida em cada respiração.
Gratidão é poesia escrita na alma,
um hino à beleza de cada transformação.

ÍNDICE REMISSIVO –

Poesia e Filosofia



A

- Alma 4, 9, 25, 32, 51, 61, 62, 67, 70, 74, 80, 85, 90, 96
Amor 4, 9, 10, 27, 28, 35, 36, 37, 38, 45, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 77, 88, 94, 96
Anseio 35
Ausência 7, 32, 39, 76

B

- Barbárie 28
Bia 3, 28

C

- Camelo 29
Capital 3, 14, 15, 16, 17, 18, 68, 84
Carência 25, 27
Coração 10, 13, 36, 45, 61, 67, 70, 71, 72, 88, 93, 95, 96
Criança 29
Cronos 3, 31, 32, 33, 89

D

- Desejo 22, 26, 27, 29, 32, 54, 55, 61, 87, 88, 91
Destino 33, 36, 67, 77
Divindade 37, 63

E

- Educação 9, 20, 34, 48, 70, 71, 72, 73, 78, 79
Eros 4, 45
Espanto 7, 13, 54
Espírito Livre 4, 41, 42, 44, 90
Existência 9, 24, 25, 39, 40, 49, 52, 53, 58, 59, 84, 85, 88, 93
Exploração 14, 15, 16, 17

F

- Falácia 5, 9, 78
Filos 4, 45

Filosofia 3, 4, 5, 7, 8, 11, 19, 20, 25, 27, 34, 45, 46, 48, 56, 57, 59, 60, 64, 78,
79, 80, 82, 84, 97

Filosofia 3, 5, 7, 25, 45, 46, 97

Força 15, 16, 28, 29, 36, 41, 63, 93

G

Gratidão 5, 10, 38, 61, 95, 96

H

Hades 3, 32, 35, 36

Heráclito 4, 47, 48, 91

Hipaso 4, 56, 57

Hipnos 4, 50

I

Identidade 5, 9, 39, 92, 93

J

Jano 3, 24

K

Kairos 10, 39

L

Leão 29

M

Mito 39

Mitologia 3, 32, 34

Moira 33, 35, 39, 77

Morte 4, 9, 10, 24, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 56, 57, 58, 75, 76, 77

Mundo 4, 9, 16, 18, 24, 25, 27, 28, 30, 34, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 53, 55,
56, 59, 61, 62, 70, 71, 72, 73, 78, 81, 83, 92

N

Nostalgia 3, 39

P

Palavra 4, 21, 22, 49, 52, 53, 86, 88, 92, 95

Parmênides 3, 19

Parresía 3, 21, 22

Perséfone 3, 11, 35, 36

Pitágoras 4, 56, 57, 62

Poesia 4, 7, 8, 9, 11, 19, 59, 65, 91, 94, 95, 96, 97

Presença 24, 32, 33, 75, 76, 95

R

Razão 10, 19, 23, 26, 45, 58, 60, 61, 78, 82, 86

Resistência 5, 9, 88, 93

S

Sabedoria Socrática 4, 65

Ser 9, 10, 11, 14, 19, 22, 25, 26, 27, 32, 35, 39, 40, 42, 44, 47, 49, 52, 53, 54,
56, 58, 59, 60, 61, 63, 69, 80, 81, 83, 88, 90, 92, 94, 95

Silêncio 4, 9, 35, 36, 67, 93

Sofrimento 29, 40

Sonho 39, 50, 51

Sonhos 4, 34, 50, 51, 67, 80

Sono 10, 32, 51

T

Tempo 4, 9, 10, 21, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 41, 44, 51, 55, 58, 67,
68, 69, 77, 86, 88

Thanatos 3, 10, 28, 31, 32, 33

Tragédia 3, 21, 22

U

Utopia 3, 28, 39

V

Verdade 4, 9, 10, 19, 20, 21, 22, 23, 30, 38, 40, 46, 47, 48, 49, 51, 58, 59, 60,
70, 73, 78, 79, 84, 85, 90, 93

Vida 4, 9, 11, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 43, 44,
47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 63, 64, 69, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 83,
84, 85, 88, 91, 96

Vontade de Potência 43, 44

Z

Zenão 3, 19

